

**CELEBRATING DIVERSITY:**  
DEMOCRACY AND REPRESENTATION IN CONTEMPORARY ART  
AN ART IN EMBASSIES EXHIBITION IN LISBON, PORTUGAL

**CELEBRATING DIVERSITY:**

DEMOCRACY AND REPRESENTATION IN CONTEMPORARY ART  
AN ART IN EMBASSIES EXHIBITION IN LISBON, PORTUGAL

*Kehinde Wiley* | **Entry into Paris of the Dauphin**, 2005

Oil and gold enamel on canvas, 72 x 60 in. Courtesy of the artist and Roberts Projects, Los Angeles

*Kehinde Wiley* | **Entrada em Paris do Delfim**, 2005

Esmalte a óleo e ouro sobre tela, 182,9 x 152,4 cm. Cortesia do artista e de Roberts Projects, Los Angeles

## ART IN EMBASSIES

Established in 1963, the U.S. Department of State's Office of Art in Embassies (AIE) plays a vital role in our nation's public diplomacy through a culturally expansive mission, creating temporary and permanent exhibitions, artist programming, and publications. The Museum of Modern Art first envisioned this global visual arts program a decade earlier. In the early 1960s, President John F. Kennedy formalized it, naming the program's first director. Now with more than 200 venues, AIE curates temporary and permanent exhibitions for the representational spaces of all U.S. chanceries, consulates, and embassy residences worldwide, selecting and commissioning contemporary art from the U.S. and the host countries. These exhibitions provide international audiences with a sense of the quality, scope, and diversity of both countries' art and culture, establishing AIE's presence in more countries than any other U.S. foundation or arts organization.

AIE's exhibitions allow citizens, many of whom might never travel to the United States, to personally experience the depth and breadth of our artistic heritage and values, making what has been called a "footprint that can be left where people have no opportunity to see American art."

<https://art.state.gov/>

## ARTE NAS EMBAIXADAS

Estabelecido em 1963, o gabinete do Departamento de Estado dos EUA responsável pelo programa Art in Embassies (AIE) desempenha um papel vital na diplomacia pública da nossa nação através de uma missão culturalmente expansiva, criando exposições temporárias e permanentes, programação artística, e publicações. Na década de 50, o Museu de Arte Moderna idealizou pela primeira vez este programa global de artes visuais. No início da década de 60, o Presidente John F. Kennedy reconheceu-o formalmente e nomeou o primeiro diretor do programa. Agora com mais de 200 espaços, o AIE comissaria exposições temporárias e permanentes para os espaços de representação de todas as chancelarias, consulados e residências oficiais das embaixadas dos EUA em todo o mundo, selecionando e comissariando arte contemporânea dos EUA e dos países anfitriões. Estas exposições proporcionam ao público internacional um sentido da qualidade, âmbito e diversidade da arte e cultura de ambos os países, estabelecendo a presença do AIE junto de mais países do que qualquer outra fundação ou organização artística norte-americana.

As exposições do AIE permitem aos cidadãos, muitos dos quais podem nunca visitar os Estados Unidos, experienciar pessoalmente a profundidade e amplitude do nosso património artístico e dos nossos valores, fazendo o que tem sido chamado de: "uma impressão que perdura em locais onde as pessoas não têm oportunidade de ver a arte norte-americana".

<https://art.state.gov/>

## **CELEBRATING DIVERSITY**

My Portuguese home—Casa Carlucci—is a beautiful and historic residence in the center of Lisbon that has for decades represented the promise and strength of the relationship between the United States and Portugal. It has also served as a venue for important deliberations on the future of Portuguese democracy.

Not only does Casa Carlucci serve as a welcoming residence for family, official guests, and international dignitaries, but it has also become the ideal showcase for the Diversity Collection—a dynamic exhibition of art by American and Portuguese contemporary artists who represent some of the most talented, diverse, and strong voices of the United States and Portugal.

Curated by me alongside experts at the Department of State’s Office of Art in Embassies and exceptional curator Ana Sokoloff, the exhibition features leading artists from the African American, groundbreaking women, and LGBTQIA+ communities. These artists use their art to provoke thoughtful conversations about democracy, representation, and social justice—some of the most significant issues of our time.

It is a privilege to live amongst these important works of art and a genuine joy to share them with the many groups who have and will continue to visit them in person. I am profoundly grateful to the galleries, museums, artist studios, individual collectors, and artists themselves for generously loaning these works for an important cause. And my heartfelt thanks to my friend and talented curator Ana Sokoloff for her insights and partnership.

This exhibition would not have been possible without the input, coordination, and remarkable logistics of Art in Embassies, which is celebrating its sixtieth anniversary of public diplomacy through visual arts, alongside the tireless efforts of the Embassy’s Public Diplomacy, General Services Office, and Facilities sections.

We hope this catalog will lead you through a beautiful and meaningful journey of American and Portuguese art.

**Ambassador Randi Charno Levine**

*Lisbon  
June 2023*

## **CELEBRAR DIVERSIDADE**

A minha casa portuguesa —Casa Carlucci—é uma maravilhosa e histórica residência no centro de Lisboa que tem representado durante décadas a promessa e a força das relações entre os Estados Unidos e Portugal. Também serviu de local para importantes deliberações sobre o futuro da democracia portuguesa.

A Casa Carlucci não só serve como residência acolhedora para familiares, convidados oficiais, e dignitários internacionais, como também se tornou a mostra ideal para a "Coleção Diversidade"—uma exposição dinâmica de arte por artistas contemporâneos americanos e portugueses que representam algumas das vozes mais talentosas, diversas e fortes dos Estados Unidos e de Portugal.

Com a minha curadoria ao lado de especialistas do programa Art in Embassies do Departamento de Estado dos EUA, e da curadoria excepcional de Ana Sokoloff, a exposição apresenta artistas líderes das comunidades afro-americanas, mulheres pioneiras, e LGBTQI+. Estes artistas usam a sua arte para provocar conversas ponderadas sobre democracia, representação, e justiça social—algumas das questões mais significativas do nosso tempo.

É um privilégio viver entre estas importantes obras de arte, e uma alegria genuína partilhá-las com os muitos grupos que as têm e continuarão a visitar pessoalmente. A minha profunda gratidão às galerias, museus, estúdios de artistas, colecionadores individuais e aos próprios artistas por emprestarem generosamente estas obras para uma causa importante. E os meus sinceros agradecimentos à minha amiga e talentosa curadora Ana Sokoloff pelos seus conhecimentos e parceria.

Esta exposição não teria sido possível sem a contribuição, coordenação, e notável logística da Art in Embassies, que está a celebrar o seu sexagésimo aniversário da diplomacia pública através das artes visuais, juntamente com os incansáveis esforços das secções de Diplomacia Pública, Gabinete de Serviços Gerais e Instalações da própria Embaixada dos EUA.

Esperamos que este catálogo o conduza a uma viagem bela e significativa da arte americana e portuguesa.

**Embaixadora Randi Charno Levine**

*Lisboa  
Junho 2023*

## HELENA ALMEIDA | 1934–2018

“I turn myself into a drawing. My body as a drawing, myself as my own work.”

Portuguese artist Helena Almeida challenged the boundaries between artistic disciplines and genres by documenting her body through drawing, painting, photography, and performance. For four decades in her studio, she explored the many facets of her physicality, from wearing a pink canvas across her torso to binding her hands and feet with wire. *Desenho | Drawing* belongs to a series of photographs in which the artist framed her hands in different positions interacting with a pile of dark pigment.

## HELENA ALMEIDA | 1934–2018

“Transformo-me num desenho. O meu corpo como um desenho, eu como o meu próprio trabalho.”

A artista portuguesa Helena Almeida desafiou as fronteiras entre disciplinas artísticas e géneros, documentando o seu corpo através do desenho, pintura, fotografia e performance. Durante quatro décadas no seu estúdio, explorou as muitas facetas da sua fisionomia, desde o uso de uma tela cor-de-rosa ao longo do tronco até atar as mãos e pés com arame. *Desenho | Drawing* pertence a uma série de fotografias em que a artista emoldurou as suas mãos em diferentes posições interagindo com uma pilha de pigmento escuro.



*Helena Almeida* | **Desenho : Drawing**, 1999  
Black and white photograph, 27 ¾ x 41 ½ in.  
Courtesy of Galeria Filomena Soares, Lisbon, Portugal

*Helena Almeida* | **Desenho : Drawing**, 1999  
Fotografia a preto e branco, 70,5 x 104,5 cm  
Cortesia da Galeria Filomena Soares, Lisboa, Portugal

## **VASCO ARAÚJO** | born 1975

"I'm most interested in the fragmentation of things... When things don't coincide, people always pay a lot more attention because each thing has its own value... I use this strategy to make the public conscious... I underline everything, and then they themselves unite the different elements. But it's they who do it, not me."

Portuguese artist Vasco Araújo's practice, which frequently draws on literature and opera, presents a meditation on art as a critical reflection on society. His assemblages contain excerpts of poetry by António Botto, a writer whose unapologetic and candid verses about homosexual desire were both praised and condemned when published in Portugal in 1922.

## VASCO ARAÚJO | nasceu 1975

“Estou mais interessado na fragmentação das coisas... Quando as coisas não coincidem, as pessoas prestam sempre muito mais atenção porque cada coisa tem o seu valor... Uso esta estratégia para tornar o público consciente... Sublinho tudo, e depois eles próprios unem os diferentes elementos. Mas são eles que o fazem, não eu.”

A obra do artista português Vasco Araújo, que recorre frequentemente à literatura e à ópera, apresenta uma meditação sobre a arte como uma reflexão crítica sobre a sociedade. As suas montagens contêm excertos de poesia de António Botto, um escritor cujos versos pouco elogiosos e cândidos sobre o desejo homossexual foram elogiados e condenados quando publicados em Portugal em 1922.



Vasco Araújo  
**Time and the Other #H**, 2019  
Painted cardboard, fabric, text on paper and pins, 48 5/8 x 30 13/16 in.  
Courtesy of Galeria Francisco Fino, Lisbon, Portugal

Vasco Araújo  
**Tempo e o Outro #H**, 2019  
Cartolina pintada, tecido, texto sobre papel e pins, 123,5 x 78,3 cm  
Cortesia da Galeria Francisco Fino, Lisboa, Portugal





Vasco Araújo

**Time and the Other #1, 2020**

Painted cardboard, fabric, text on paper and pins, 49 7/16 x 30 13/16 in.  
Courtesy of Galeria Francisco Fino,  
Lisbon, Portugal

Vasco Araújo

**Tempo e o Outro #1, 2020**

Cartolina pintada, tecido, texto sobre papel e pins, 125,5 x 78,3 cm  
Cortesia da Galeria Francisco Fino,  
Lisboa, Portugal

## NICK CAVE | born 1959

“I have been, for the last three decades, trying to bring light to the subject of racism and inequality...through my craft, that has really been the mission. Using that as a catalyst to reach and connect to community. I’m always trying to think about connections and reconnecting and how we work within the civic construct. I’m interested in partnerships; I’m interested in inclusion and how I can expand that... I’m an artist with a civic responsibility.”

Nick Cave works between sculpture, installation, performance, video, designed object, and fashion. He is best known for his Soundsuits, sculptural forms based on the scale of his body initially created in direct response to the police beating of Rodney King in 1991. *Untitled* is part of a project for which Cave repurposed racially charged historical commodities he found at flea markets and antique stores. His objective was to “rehabilitate the problematic loaded object[s] and find a place of reverence and empowerment through reuse.”

## NICK CAVE | nasceu 1959

"Durante as últimas três décadas, tenho tentado trazer à luz o tema do racismo e da desigualdade... através da minha arte, essa tem sido realmente a missão. Usando isso como um catalisador para chegar e conectar com a comunidade. Estou sempre a tentar pensar em ligações e reconexões e na forma como trabalhamos dentro da construção cívica. Estou interessado em parcerias; estou interessado na inclusão e como posso ampliar isso... Sou um artista com uma responsabilidade cívica".

Nick Cave trabalha entre escultura, instalação, performance, vídeo, objeto desenhado, e moda. É mais conhecido pelos seus Soundsuits, formas esculturais baseadas na escala do seu corpo, que foram inicialmente criadas em resposta direta ao espancamento policial de Rodney King em 1991. *Sem título* faz parte de um projeto para o qual Cave reutilizou mercadorias históricas com carga racial que encontrou em mercados de rua e lojas de antiguidades. O seu objetivo era "reabilitar o(s) objeto(s) com carga problemática e encontrar um lugar de reverência e empoderamento através da reutilização."



*Nick Cave* | **Untitled**, 2015  
Mixed media including cast-iron figure, ceramic birds, strung beads, and metal flowers, 92 ½ x 40 x 34 ¾ in.  
Courtesy of the artist and Jack Shainman Gallery, New York

*Nick Cave* | **Sem título**, 2015  
Vários materiais incluindo figura de ferro fundido, pássaros de cerâmica, missangas e flores de metal, 235 x 101,6 x 88,3 cm  
Cortesia do artista e da galeria Jack Shainman, Nova Iorque

## **SPENCER FINCH** | born 1962

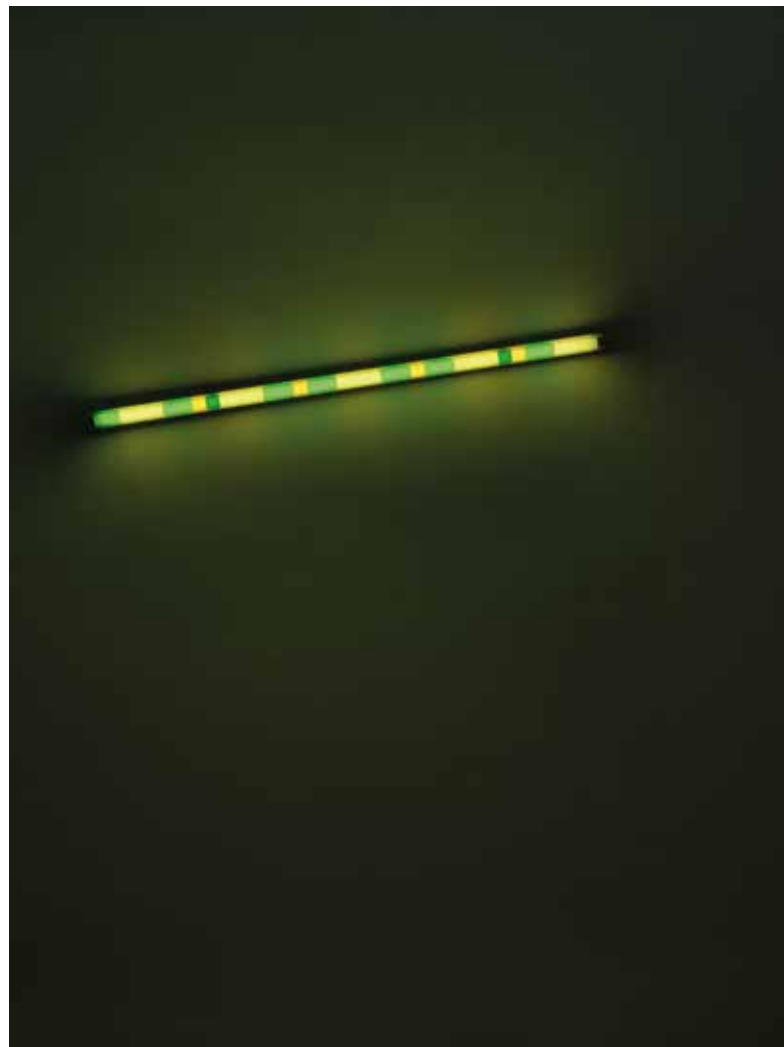
“Doing a scientific experiment over and over has an analog in the way artists work, which is seriality. You try to do something, again and again, to get closer to the essence. Because the experimenter’s perception is a little off, the subjective comes into it, which is fascinating to me. It’s about the attempt to represent something—and in the attempt is where there’s the humanness or poetry.”

Spencer Finch produces work in a wide variety of mediums, including watercolor, photography, glass, electronics, video, and fluorescent lights. He is best known for using light installations to evoke the elusive concepts of memory and perception.

## **SPENCER FINCH** | nasceu 1962

“Fazer uma experiência científica repetidamente tem um analogismo na forma como os artistas trabalham, que é a seriedade. Tenta-se fazer algo, uma e outra vez, para nos aproximarmos da essência. Porque a percepção de quem está a experimentar está um pouco fora do contexto, o subjetivo entra nela, o que para mim é fascinante. Trata-se da tentativa de representar algo - e é na tentativa que existe a humanidade ou a poesia. ”

Spencer Finch produz trabalhos numa grande variedade de meios, incluindo aquarela, fotografia, vidro, eletrónica, vídeo, e luzes fluorescentes. É mais conhecido por utilizar instalações de luz para evocar os conceitos elusivos de memória e percepção.



*Spencer Finch | Study for Moonlight (Yellowstone), 2017*

Fluorescent fixtures and filters, 7 ¼ x 47 ½ in. Courtesy of the artist and James Cohan, New York

*Spencer Finch | Estudo para o luar (Yellowstone), 2017*

Dispositivos fluorescentes e filtros, 18,4 x 120,7 cm. Cortesia do artista e de James Cohan, Nova Iorque

## **NAN GOLDIN** | born 1953

"I wanted to make a record of the world that I saw, the real world and not the pretty version of the real world, not a conservative version. I grew up in suburban Maryland, and it was all about 'Don't let the neighbors know.' I saw all the pretense and all of the revisionism of everything. So, I needed to make a record that couldn't be revised."

A groundbreaking figure of contemporary photography, Nan Goldin is best known for her intimate and unflinching portraits that chronicle her life and the lives of her friends. Over time, her photographs moved from representations of destructive youthful abandon to scenes of parenthood and domesticity in increasingly international settings. Shot at the Marian pilgrimage shrine dedicated to Our Lady of Fatima in Portugal, *Fatima Candles, Portugal*, serves as an homage to Goldin's lost friends and a sign of hope as she strove to maintain her sobriety.



## **NAN GOLDIN** | nasceu 1953

“Queria fazer um registo do mundo que vi, o mundo real e não a versão bonita do mundo real, não uma versão conservadora. Cresci em Maryland suburbana, e era tudo uma questão de "Não deixar os vizinhos saberem". Vi todo o fingimento e todo o revisionismo de tudo. Por isso, precisava de fazer um registo que não pudesse ser revisto”.

Uma figura inovadora da fotografia contemporânea, Nan Goldin é mais conhecida pelos seus retratos íntimos que relatam a sua vida e a vida dos seus amigos. Com o tempo, as suas fotografias passaram de representações do destrutivo abandono juvenil para cenas de paternidade e de domesticidade em cenários cada vez mais internacionais. Fotografadas no santuário de peregrinação Mariana dedicado a Nossa Senhora de Fátima em Portugal, *Velas de Fátima, Portugal*, servem como homenagem aos amigos que Goldin perdeu e um sinal de esperança enquanto ela se esforçava por manter a sua sobriedade.



*Nan Goldin* | **Fatima Candles, Portugal, 1998**

Cibachrome print, 40 x 59 ¼ in. Courtesy of the artist and Marian Goodman Gallery, New York

*Nan Goldin* | **Velas de Fátima, Portugal, 1998**

Impressão em Cibachrome, 101,6 x 150,5 cm. Cortesia da artista e de Marian Goodman Gallery, Nova Iorque

## **RENÉE GREEN** | born 1959

“The story I have to tell is an artist’s story. This becomes the story of many people through time. It is a growing seed. There remain things to know and to acknowledge that are still difficult to calmly discuss...or difficult to more broadly recognize, such as a claim to multiple histories and a willingness to accept the range of participants in shaping these, despite the immensity of words circulating and despite the passages of time.”

Renée Green is known for her layered and formally complex multimedia installations in which ideas, perceptions, and experiences are examined from myriad perspectives. Her work investigates circuits of relation and exchange over time, the gaps and shifts in what survives in public and private memories, as well as what has been imagined and invented.

## **RENÉE GREEN** | nasceu 1959

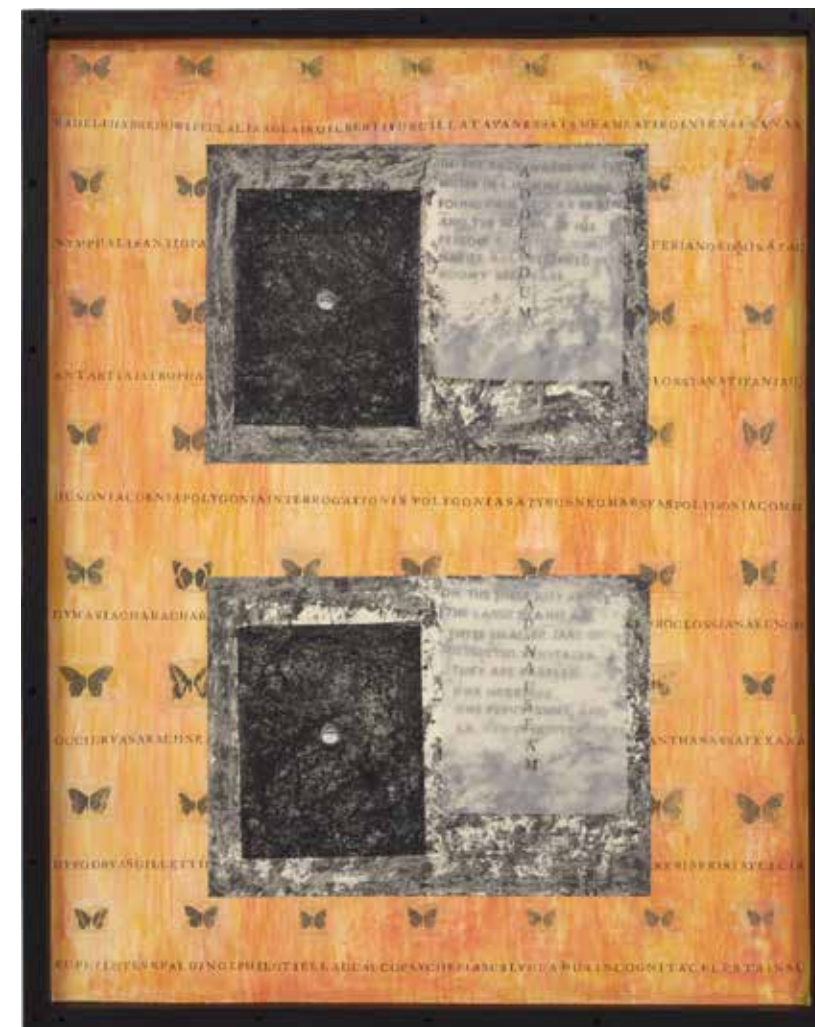
“A história que tenho para contar é a história de um artista. Esta torna-se a história de muitas pessoas ao longo do tempo. É uma semente em crescimento. Há ainda coisas a saber e a reconhecer que ainda são difíceis de discutir calmamente... ou difíceis de reconhecer mais amplamente, tais como a reivindicação de múltiplas histórias e a vontade de aceitar o leque de participantes na sua formação, apesar da imensidade de palavras que circulam e apesar das passagens do tempo”.

Renée Green é conhecida pelas suas instalações multimédia em camadas e formalmente complexas, nas quais ideias, percepções e experiências são examinadas a partir de uma miríade de perspetivas. O seu trabalho investiga circuitos de relação e troca ao longo do tempo, as lacunas e mudanças no que sobrevive nas memórias públicas e privadas, bem como o que foi imaginado e inventado.



Renée Green | **Corallium Rubrum**, 1989. Mounted paper, Van Dyke prints, mixed media on Masonite  
60 x 48 x 3 in. Courtesy of the artist and Bortolami, New York

Renée Green | **Corallium Rubrum**, 1989. Papel montado, impressões Van Dyke, materiais mistos sobre Masonite  
152,4 x 121,9 x 7,6 cm. Cortesia da artista e de Bortolami, Nova Iorque



Renée Green | **Addendum Ad Nauseam**, 1989. Mounted paper, vellum, mixed media on Masonite  
60 x 48 x 3 in. Courtesy of the artist and Bortolami, New York

Renée Green | **Addendum Ad Nauseam**, 1989. Papel montado, vellum, materiais mistos sobre Masonite  
152,4 x 121,9 x 7,6 cm. Cortesia da artista e de Bortolami, Nova Iorque

## KEITH HARING | 1958–1990

“...I don't really get things specifically from my dreams... It's more an awareness of universal images which I 'digest' and put in my own series of explanations and definitions. I reorder things with my own imagination. I try as much as possible to let the drawings happen by themselves. I become a vessel for this information, for this kind of magic, the spirit that flows through me.”

Known for his instantly recognizable and exuberant style, Keith Haring used bold outlines and Day-Glo colors to address such issues as the AIDS epidemic and drug addiction. Inspired by graffiti and cartoons, he quickly established himself in New York City's alternative art scene during the 1980s. In the year *USA 19 82* was created, Haring held his first major gallery exhibition, propelling him to international recognition. At the same time, he strove to make art accessible to everyone, creating work in the subway and on community center walls. A year after being diagnosed with HIV in 1989, he established the Keith Haring Foundation to provide funding and support to AIDS research, charities, and education.

## KEITH HARING | 1958–1990

“...Não obtenho realmente coisas especificamente dos meus sonhos... É mais uma consciência de imagens universais que 'digi-ro' e coloco na minha própria série de explicações e definições. Reorganizo as coisas com a minha própria imaginação. Tento, tanto quanto possível, deixar os desenhos acontecerem por si próprios. Torno-me um recipiente para esta informação, para este tipo de magia, o espírito que flui através de mim.”

Conhecido pelo seu estilo imediatamente reconhecível e exuberante, Keith Haring utilizou contornos ousados e cores Day-Glo para abordar questões como a epidemia da SIDA e a toxicodependência. Inspirado por graffiti e desenhos animados, rapidamente se estabeleceu na cena artística alternativa da cidade de Nova Iorque durante os anos 80. No ano em que o *EUA 19-82* foi criado, Haring realizou a sua primeira grande exposição numa galeria, impulsionando-o ao reconhecimento internacional. Ao mesmo tempo, esforçou-se por tornar a arte acessível a todos, criando trabalhos no metro e nas paredes dos centros comunitários. Um ano após ter sido diagnosticado com VIH em 1989, estabeleceu a Fundação Keith Haring para fornecer financiamento e apoio à investigação sobre a SIDA, instituições de caridade e educação.





Keith Haring | **USA 19 82**, 1982. Lithograph in black and red on copperplate deluxe paper, 24 x 32 in.  
Courtesy of the New Museum, New York; Keith Haring artwork © Keith Haring Foundation

Keith Haring | **EUA 19 82**, 1982. Litografia preta e branca sobre papel cobreado de alta qualidade, 61 x 81,3 cm  
Cortesia do New Museum, Nova Iorque; Keith Haring artwork © Keith Haring Foundation

## **LYLE ASHTON HARRIS** | born 1965

"[A]s an artist, I'm taking up the challenge of trying to answer the question: How can I remain true to myself and engage specifically with where I find myself at this particular moment, as opposed to trying to morph myself into something that I'm not? And I believe that, as we increasingly become more earnest and honest in engaging with such questioning, the answers we find will be undeniable."

Lyle Ashton Harris's work explores intersections between the personal and the political, examining the impact of ethnicity, gender, and desire on the contemporary social and cultural dynamic. *Kennedy Crash #2* comes from a series of richly textured panels that contain photographs from the artist's vast archive and personal ephemera. Lined in vibrantly patterned textiles that Harris acquired when he lived in Ghana, this assemblage also includes intimate effects, including dreadlocks cut from the artist's head.

## LYLE ASHTON HARRIS | nasceu 1965

“[C]omo artista, estou a aceitar o desafio de tentar responder à pergunta: Como posso permanecer fiel a mim próprio e envolver-me especificamente com onde me encontro neste momento específico, em vez de tentar transformar-me em algo que não sou? E acredito que, à medida que nos tornamos cada vez mais sérios e honestos em nos envolvermos em tais questões, as respostas que encontrarmos serão inegáveis.”

O trabalho de Lyle Ashton Harris explora interseções entre o pessoal e o político, examinando o impacto da etnicidade, do género e do desejo na dinâmica contemporânea social e cultural. *Kennedy Crash #2* provém de uma série de painéis ricamente texturados que contêm fotografias do vasto arquivo do artista e da efêmera pessoal. Forrados em têxteis de padrões vibrantes que Harris adquiriu quando viveu no Gana, esta montagem inclui também efeitos íntimos, incluindo tranças cortadas do cabelo do artista.



Lyle Ashton Harris | **Kennedy Crash #2**, 2020. Unique assemblage (Dye sublimation photographic print, Ghanaian fabric, artist ephemera), 40 ½ x 49 ¾ in. Courtesy of the artist and David Castillo, Miami, Florida

Lyle Ashton Harris | **Kennedy Crash #2**, 2020. Montagem única (Impressão fotográfica de corante sublimado, tecido gânes, efêmera de artista), 102,9 x 126,4 cm. Cortesia do artista e de David Castillo, Miami, Florida

## JENNY HOLZER | born 1950

“There’s a reason I’m anonymous in my work: I like to be absolutely out of view and out of earshot. I don’t sign my work because I think that would diminish its effectiveness. It would be the work of just one person. I would like it to be more useful than that—to be of utility to as many people as possible. I think if it were attributed to me, it would be easier to toss. I want people to concentrate on the content of the work and not ‘who done it?’”

As a pioneer of text-based art, Jenny Holzer has spent the last four decades crafting language into visual spectacle. The sentences that form her installations, a mix of poetry and polemic, invariably appear as bold capital letters, bringing with them a sense of urgency. In her first significant project, *Truisms* (1977–79), she printed provocative statements on posters and pasted them around Manhattan. In the mid-1980s, she began using different media, including carved stone benches, to deliver these messages. Holzer has stated that she hopes materials like marble can expand the viewer’s tangible perception of her work.

## JENNY HOLZER | nasceu 1950

“Há uma razão para eu querer ficar anônima no meu trabalho: gosto de estar absolutamente fora de olhares e de conversas. Não assino o meu trabalho porque penso que isso diminuiria a sua eficácia. Seria o trabalho de uma só pessoa. Gostaria que fosse mais útil do que isso—que fosse útil para o maior número de pessoas possível. Penso que se fosse atribuído a mim, seria mais fácil de perguntar. Quero que as pessoas se concentrem no conteúdo do trabalho e não “quem o fez?”

Como pioneira da arte baseada em texto, Jenny Holzer passou as últimas quatro décadas a criar linguagem para o espetáculo visual. As frases que formam as suas instalações, uma mistura de poesia e polémica, aparecem invariavelmente como letras maiúsculas ousadas, trazendo consigo um sentido de urgência. No seu primeiro projeto significativo, *Obviedades* (1977-79), imprimiu declarações provocadoras em cartazes e colou-as em torno de Manhattan. Em meados da década de 80, começou a utilizar diferentes meios de comunicação, incluindo bancos esculpidos em pedra, para entregar essas mensagens. Holzer declarou que espera que materiais como o mármore possam amplificar a percepção tangível do espectador sobre o seu trabalho.



## DÉLIO JASSE

“One aspect that has greatly influenced my work is my experience as a migrant in Europe, in particular, the concrete experience of bureaucracy. Like my life, therefore my movements, my rights, depended solely and exclusively on a stamp or a document... For this reason, stamps and inscriptions taken from various documents, both mine and those of anonymous people, are recurrent in my works.”

An Angolan-born artist currently based in Italy, Délio Jasse often interweaves found images with traces of past lives (found passport photos, family albums) to make connections between photography and memory. Jasse is known for experimenting with analog photographic processes, including developing his own printing techniques.

Jenny Holzer | **Truisms: A relaxed man...**, Original, 1987. White Macael marble bench, 17 x 54 x 25 in.  
Courtesy of the artist and Hauser & Wirth © 2022 Jenny Holzer, member Artists Rights Society (ARS), New York

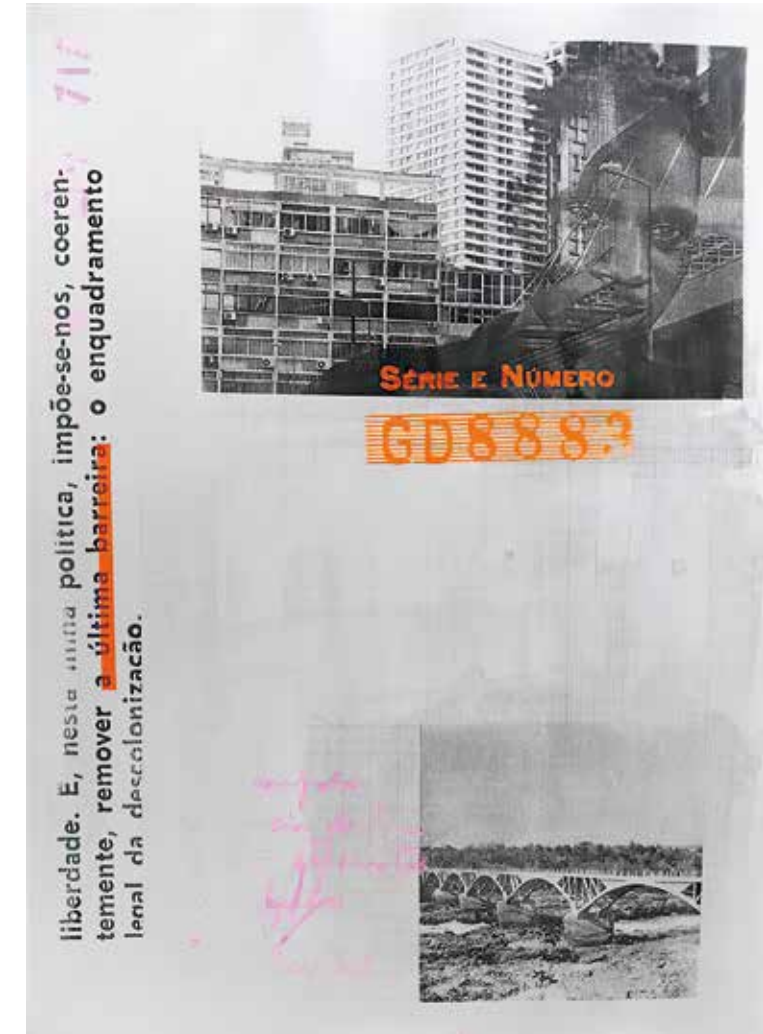
Jenny Holzer | **Obviedades: Um homem relaxado...** Original, 1987. Banco em mármore branco de Macael,  
43,2 x 137,2 x 63,5 cm. Cortesia da artista e de Hauser & Wirth © 2022 Jenny Holzer,  
membro da Artists Rights Society (ARS), Nova Iorque



## DÉLIO JASSE

“Um aspeto que tem influenciado muito o meu trabalho é a minha experiência como migrante na Europa, em particular, a experiência concreta da burocracia. Como a minha vida, portanto os meus movimentos, os meus direitos, dependiam única e exclusivamente de um selo ou de um documento... Por esta razão, os carimbos e inscrições retirados de vários documentos, tanto meus como de pessoas anónimas, são recorrentes nos meus trabalhos”.

Um artista angolano atualmente radicado em Itália, Délio Jasse entrelaça frequentemente imagens encontradas com vestígios de vidas passadas (fotografias de passaporte encontradas, álbuns de família) para fazer ligações entre a fotografia e a memória. Jasse é conhecido por experimentar com processos fotográficos analógicos, incluindo o desenvolvimento das suas próprias técnicas de impressão.

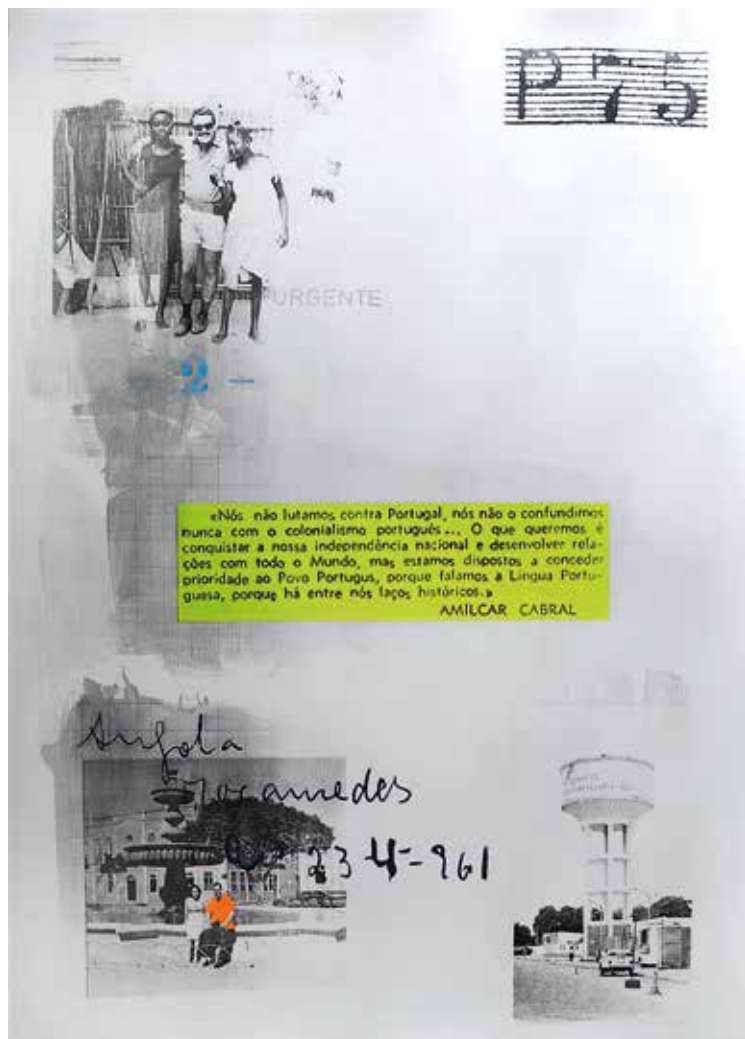


Délio Jasse | **Untitled (from the series A última barreira)**, 2021

Photo emulsion and silkscreen on paper, 39 <sup>3</sup>/<sub>8</sub> x 27 <sup>5</sup>/<sub>16</sub> in. Courtesy of Galeria Filomena Soares, Lisbon, Portugal

Délio Jasse | **Sem título (da série A última barreira)**, 2021

Emulsão fotográfica e serigrafia sobre papel, 100 x 70 cm. Cortesia da Galeria Filomena Soares, Lisboa, Portugal



Délio Jasse | **Untitled (from the series A última barreira)**, 2021

Photo emulsion and silkscreen on paper, 39 3/8 x 27 1/6 in. Courtesy of Galeria Filomena Soares, Lisbon, Portugal

Délio Jasse | **Sem título (da série A última barreira)**, 2021

Emulsão fotográfica e serigrafia sobre papel, 100 x 70 cm. Cortesia da Galeria Filomena Soares, Lisboa, Portugal

## DEBORAH KASS | born 1952

“Barbra [Streisand] is the pop diva who changed my life as a Jewish girl growing up in suburban New York in the ‘60s. Her sense of herself, her ethnicity, [her] glamour, and her difference affirmed my own ambitions and identity. I identified with her completely. Andy [Warhol] and Barbra both stood outside mainstream America: she as a Jewish woman, [and] he as a gay man. He subverted the macho myths of post-war U.S. painting and invented Pop art. She gained control of her own Hollywood projects before any other female star and made the movie *Yentl* before queer theory ever hit a university. In my own work, I replace Andy’s male homosexual desire with my own specificity, Jew love, female voice, and blatant lesbian diva worship.”

Deborah Kass’s work examines the intersection of art history, popular culture, and the self. In 1992, Kass began appropriating the work of Andy Warhol by recreating groupings of his famous celebrity paintings with images of her heroes. *Single Silver Yentl (My Elvis)* substitutes Warhol’s full-length Elvis portrait for a shot of Barbara Streisand from her cinematic role as *Yentl*, a young Jewish woman who disguises herself as a man to receive a religious education.

## DEBORAH KASS | nasceu 1952

“A Barbra [Streisand] é a diva pop que mudou a minha vida como uma rapariga judia que cresceu nos subúrbios de Nova Iorque nos anos 60. O seu sentido de si mesma, a sua etnia, [o seu] glamour, e a sua diferença afirmaram as minhas próprias ambições e identidade. Identifiquei-me completamente com ela. O Andy [Warhol] e a Barbra estavam ambos fora da América: ela como uma mulher judia, [e] ele como um homem gay. Ele subverteu os mitos machistas da pintura americana do pós-guerra e inventou a arte pop. Ganhou o controlo dos seus próprios projetos em Hollywood antes de qualquer outra estrela feminina e fez o filme *Yentl* antes de a teoria queer chegar a uma universidade. No meu próprio trabalho, substituo o desejo homossexual masculino de Andy pela minha própria especificidade, amor judeu, voz feminina, e adoração flagrante da diva lésbica”.

O trabalho de Deborah Kass examina a interseção da história da arte, da cultura popular, e do eu. Em 1992, Kass começou a apropriar-se do trabalho de Andy Warhol recriando agrupamentos das suas famosas pinturas de celebridades com imagens dos seus heróis. *Single Silver Yentl (My Elvis)* substitui o retrato completo de Elvis de Warhol por uma fotografia de Barbra Streisand no seu papel cinematográfico como Yentl, uma jovem mulher judia que se disfarça de homem para receber uma educação religiosa.



Deborah Kass | **Single Silver Yentl (My Elvis)**, 1993  
Silkscreen and acrylic on canvas, 72 x 36 in.  
Courtesy of the artist, Brooklyn, New York

Deborah Kass | **Yentl de Prata (O Meu Elvis)**, 1993  
Seda e acrílico sobre tela, 182,9 x 91,4 cm. Cortesia da artista, Brooklyn, Nova Iorque

## **MAYA LIN** | born 1959

“In art, I get to walk into my head and do whatever I want to do, to free up completely. That goes back to...my roots in nature and my feelings of connections to the environment, that everything is coalesced around being inspired by the natural world and reflecting that beauty out to others.”

Maya Lin's acclaimed work encompasses large-scale environmental installations, intimate studio artworks, architectural works, and memorials. She virtually redefined the idea of a monument with her first work, the Vietnam Veterans Memorial in Washington, D.C., and since then has gone on to pursue a career in art and architecture while still being committed to the exploration of time, memory, history, and language in her memorials.

## **MAYA LIN** | nasceu 1959

“Na arte posso entrar na minha cabeça e fazer o que quero fazer, para me libertar completamente. Isto remonta... às minhas raízes na natureza e aos meus sentimentos de ligação ao meio ambiente, que tudo se conjuga em torno de ser inspirada pelo mundo natural e espelhar essa beleza para os outros.”

O aclamado trabalho de Maya Lin engloba instalações ambientais de grande escala, obras íntimas de arte de estúdio, obras arquitetónicas e memoriais. Ela praticamente redefiniu a ideia de um monumento com o seu primeiro trabalho, o Memorial dos Veteranos do Vietname em Washington, D.C., e desde então tem prosseguido uma carreira na arte e arquitetura, ao mesmo tempo que continua empenhada na exploração do tempo, memória, história, e linguagem nos seus memoriais.





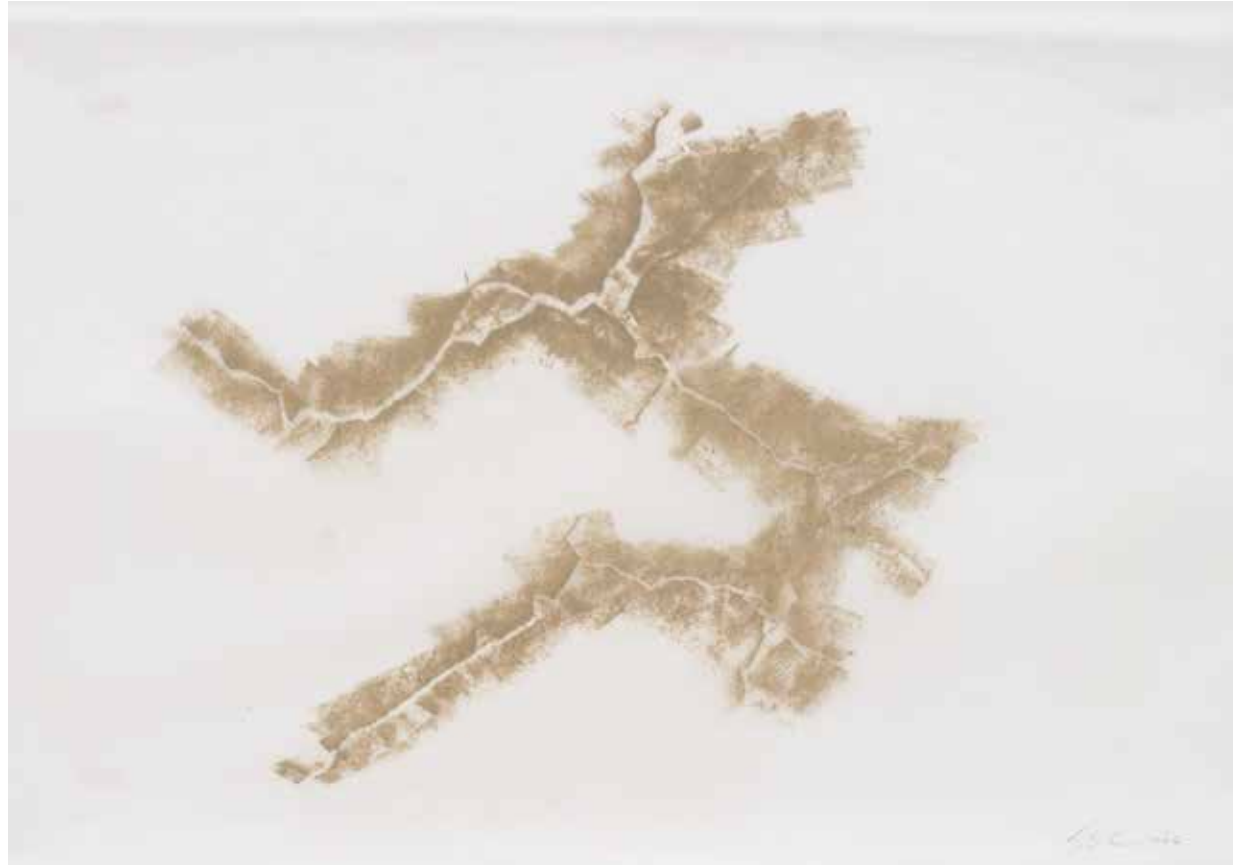
*Maya Lin* | **Fractured Landscape**, 2006. Pastel rubbing on tracing paper, 12 x 12 in.  
Courtesy of Maya Lin Studio and Pace Gallery. Photograph courtesy of Pace Gallery

*Maya Lin* | **Paisagem Fraturada**, 2006. Pastel decalcado sobre papel vegetal, 30,5 x 30,5 cm  
Cortesia do Maya Lin Studio e da Pace Gallery. Fotografia cortesia da Pace Gallery



*Maya Lin* | **Fractured Landscape**, 2006. Pastel rubbing on tracing paper, 17 x 12 in.  
Courtesy of Maya Lin Studio and Pace Gallery. Photograph by G.R. Christmas, courtesy of Pace Gallery

*Maya Lin* | **Paisagem Fraturada**, 2006. Pastel decalcado sobre papel vegetal, 43,2 x 30,5 cm  
Cortesia do Maya Lin Studio e da Pace Gallery. Fotografia de G.R. Christmas, cortesia da Pace Gallery



Maya Lin | **Fractured Landscape**, 2006. Pastel rubbing on tracing paper, 12 x 17 <sup>3</sup>/<sub>8</sub> in.  
Courtesy of Maya Lin Studio and Pace Gallery. Photograph by Kerry Ryan McFate, courtesy of Pace Gallery

Maya Lin | **Paisagem Fraturada**, 2006. Pastel decalcado sobre papel vegetal, 30,5 x 44,1 cm  
Cortesia do Maya Lin Studio e da Pace Gallery. Fotografia de Kerry Ryan McFate, cortesia da Pace Gallery

## JULIE MEHRETU | born 1970

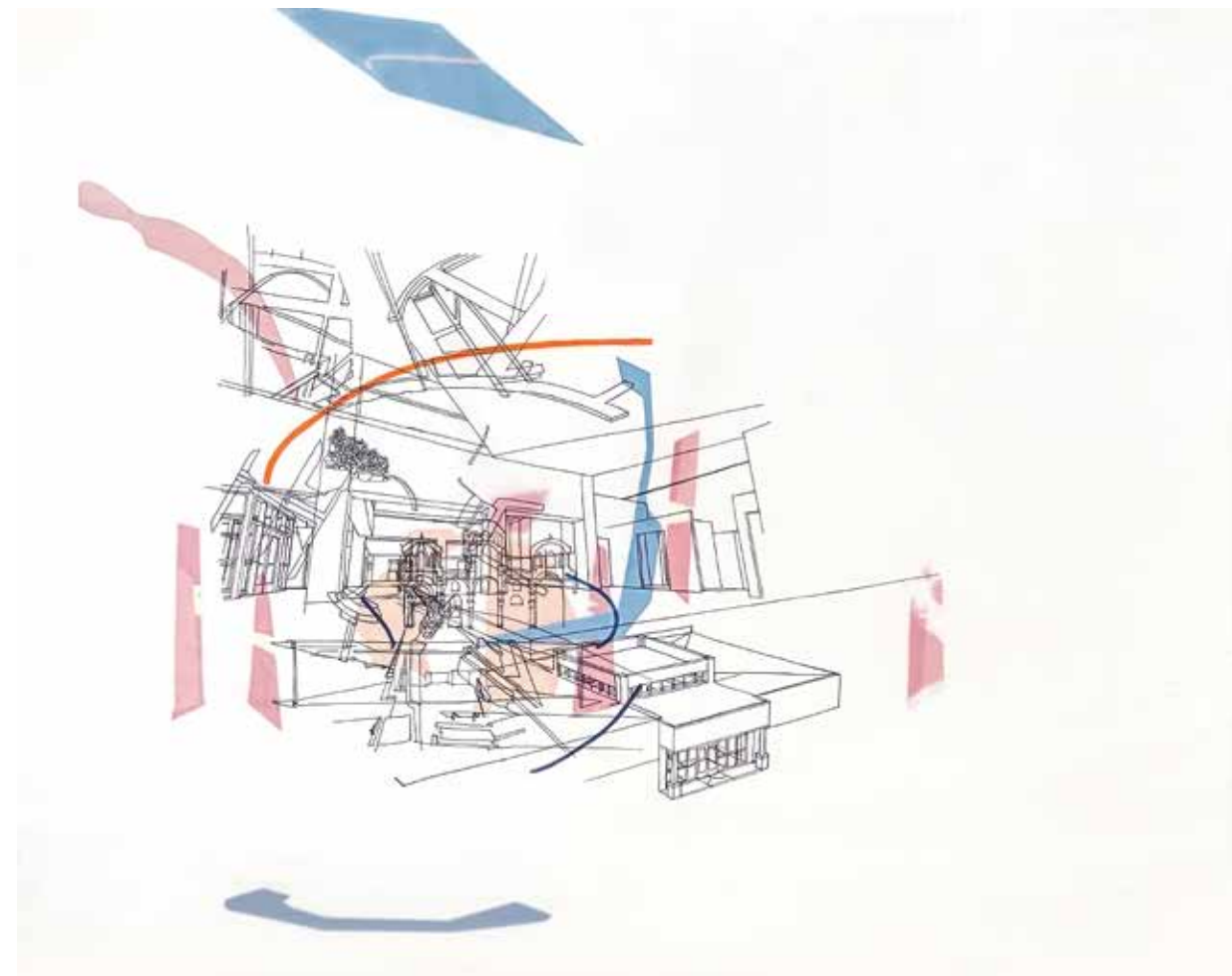
“There are different types of information that go into the picture... In certain paintings that information is very readable and it’s just pure geometry... Then there’s other work in which I incorporate a lot of specific architectural plans. As the works progress... the information is layered in a way that’s hard to decipher what is what... This painting is not a description. I want the work to be felt as much as read.”

Julie Mehretu’s paintings and drawings refer to elements of mapping and architecture, achieving a calligraphic complexity that resembles turbulent atmospheres and dense social networks. Architectural renderings and aerial views of urban grids enter the work as fragments, losing their real-world specificity and challenging narrow geographic and cultural readings. Her works engage the history of nonobjective art—from constructivism to futurism—posing contemporary questions about the relationship between utopian impulses and abstraction.

## JULIE MEHRETU | nasceu 1970

“Há diferentes tipos de informação que vão para o quadro... Em certos quadros essa informação é muito legível e é apenas pura geometria... Então há outros trabalhos nos quais incorporo muitos planos arquitetônicos específicos. À medida que as obras avançam... a informação é estratificada de uma forma que é difícil decifrar o que é o que... Esta pintura não é uma descrição. Quero que a obra seja sentida tanto quanto lida.”

As pinturas e desenhos de Julie Mehretu referem-se a elementos de cartografia e arquitetura, conseguindo uma complexidade caligráfica que se assemelha a atmosferas turbulentas e redes sociais densas. Retalhos arquitetônicos e vistas aéreas de grelhas urbanas entram na obra como fragmentos, perdendo a sua especificidade do mundo real e desafiando leituras geográficas e culturais estreitas. As suas obras envolvem a história da arte não objetiva—do construtivismo ao futurismo—colocando questões contemporâneas sobre a relação entre os impulsos utópicos e a abstração.



*Julie Mehretu* | **Untitled**, 2000. Ink, color pencil, and cut paper on Mylar, 28 x 35 in.  
Courtesy of the New Museum, New York

*Julie Mehretu* | **Sem título**, 2000. Tinta, lápis de cor, e papel cortado sobre Mylar, 71,1 x 88,9 cm  
Cortesia do New Museum, Nova Iorque

## **CHRISTOPHER MYERS** | born 1972

“History is the story of where you have come from; mythology is the story of why and where you are going. My work as a storyteller and as an artist centers on pulling mythologies apart from official records. Especially for African Americans and other marginalized folks, we must learn to read these records for our unwritten histories, to see ourselves in the empty spaces on the page.”

Christopher Myers’s multidisciplinary practice, which spans textiles, performance, film, and sculpture, investigates the slippages between history and mythology. Myers uses appliqué, a needlework technique found in quilting and banner making, to tangibly marry diverse cultural and visual practices.

## **CHRISTOPHER MYERS** | nasceu 1972

“A história é a história de onde viemos; a mitologia é a história do porquê e para onde vamos. O meu trabalho como contador de histórias e como artista centra-se em separar as mitologias dos registos oficiais. Especialmente para afro-americanos e outras pessoas marginalizadas, temos de aprender a ler estes registos para as nossas histórias não escritas, para nos vermos nos espaços vazios da página”.

A prática multidisciplinar de Christopher Myers, que abrange têxteis, performance, filme e escultura, investiga os deslizamentos entre a história e a mitologia. Myers utiliza appliqué, uma técnica de bordado encontrada na colagem e na confecção de faixas, para casar de forma tangível diversas práticas culturais e visuais.



Christopher Myers | **Bocanegra**, 2019. Appliqué textile, 72 x 48 in.  
Courtesy of the artist and James Cohan, New York  
Christopher Myers | **Bocanegra**, 2019. Têxtil cromado, 182,9 x 121,9 cm.  
Cortesia do artista e de James Cohan, Nova Iorque

## JORDAN NASSAR | born 1985

“Embroidery is something I grew up surrounded with—something I think the majority of Palestinians share both in Palestine and across the diaspora. I didn’t have the traditional experience of being taught by my elders. But, I think the rhythms, the tendencies of the composition, and patterning are something I had a feel for—like being exposed to a second language growing up but not being a native speaker.”

Drawing on traditional Palestinian motifs and techniques, particularly *tatreez*—cross stitch embroidery—Jordan Nassar explores issues of identity, diaspora, and memory. His work, which he frequently creates in collaboration with female weavers in Ramallah, combines complex geometric patterns with abstract landscapes.



## JORDAN NASSAR | nasceu 1985

"O bordado é algo com que cresci rodeado - algo que penso que a maioria dos palestinos partilham tanto na Palestina como através da diáspora. Não tive a experiência tradicional de ser ensinado pelos meus anciãos. Mas, penso que os ritmos, as tendências da composição, e os padrões são algo com que tive a sensação de estar exposto como uma segunda língua, cresci com ela, mas não sou um falante nativo".

Baseando-se em motivos e técnicas tradicionais palestinas, particularmente o *tatreez*—bordado de ponto cruz—Jordan Nassar explora questões de identidade, diáspora e memória. O seu trabalho, que cria frequentemente em colaboração com tecedeiras femininas em Ramallah, combina padrões geométricos complexos com paisagens abstratas.



*Jordan Nassar* | **Night Has Arrived**, 2018  
Hand-embroidered cotton on cotton, 12 x 36 in.  
Courtesy of the artist and James Cohan, New York

*Jordan Nassar* | **A Noite Chegou**, 2018  
Algodão sobre algodão, bordado à mão, 30,5 x 91,4 cm  
Cortesia do artista e de James Cohan, Nova Iorque

## SHIRIN NESHAT | born 1957

"I was born an Iranian. My country has undermined basic human rights, particularly since the Islamic Revolution. I have gravitated toward making art that is concerned with tyranny, dictatorship, oppression and political injustice. Although I don't consider myself an activist, I believe my art—regardless of its nature—is an expression of protest, a cry for humanity."

Shirin Neshat is an Iranian-born artist and filmmaker who lives and works in New York. Inspired by anti-authoritarian uprisings in the Middle East and Africa, Neshat's *Book of Kings* draws upon the *Shahnameh*, an epic poem that describes the rise and fall of ancient dynasties in Pre-Islamic Persia, to create a link with contemporary narratives of revolution. Inscribed with calligraphic verses of the *Shahnameh* and modern Iranian poetry, the black and white portraits are grouped into various segments of society including villains and patriots. These two photographs represent the masses, ordinary citizens displaying a range of emotion including anxiety, resignation, defiance, and fear. This blending of literature, history, and politics reveals the complexity of Neshat's artistic vision and practice.

## SHIRIN NESHAT | nasceu 1957

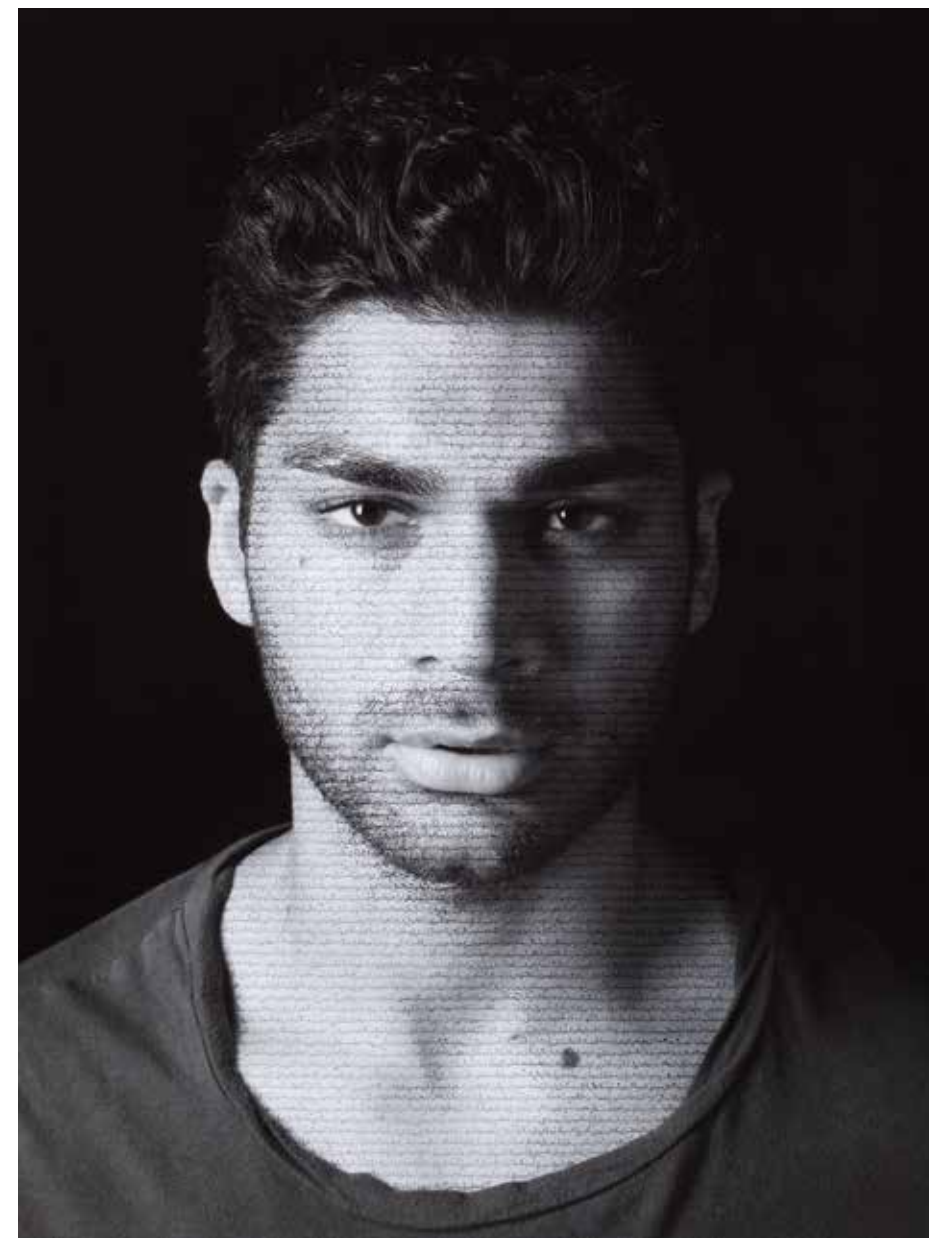
"Nasci iraniana. O meu país enfraqueceu os direitos humanos básicos, particularmente desde a Revolução Islâmica. Gravitei para fazer arte que se preocupa com a tirania, a ditadura, a opressão e a injustiça política. Embora não me considere uma ativista, acredito que a minha arte - independentemente da sua natureza - é uma expressão de protesto, um grito pela humanidade".

Shirin Neshat é uma artista e cineasta nascida no Irão que vive em Nova Iorque. Inspirada por revoltas anti-autoritárias no Médio Oriente e África, a série de fotografias do *Book of Kings* de Neshat baseia-se no *Shahnameh*, um poema épico que descreve a ascensão e queda das antigas dinastias na Pérsia pré-islâmica, para criar uma ligação com narrativas contemporâneas de revolução. Inscritos com versos caligráficos dos *Shahnameh* e da poesia iraniana moderna, os retratos a preto e branco estão agrupados em vários segmentos da sociedade, incluindo "vilões" e "patriotas". Estas duas fotografias representam "as massas", cidadãos comuns exibindo uma gama de emoções que inclui ansiedade, resignação, rebeldia e medo. Esta mistura de literatura, história e política revela a complexidade da visão e prática artística de Neshat".



*Shirin Neshat*  
**Ghada**, from *The Book of Kings* series, 2012  
Ink on LE silver gelatin print, 40 x 30 in.  
© Shirin Neshat,  
Courtesy of the artist,  
Gladstone Gallery, &  
Noirmontartproduction,  
Paris

*Shirin Neshat*  
**Ghada**, da série  
*The Book of Kings*, 2012  
Tinta sobre estampa  
em gelatina de prata,  
101,6 x 76,2 cm  
© Shirin Neshat,  
Cortesia da artista,  
Gladstone Gallery, &  
Noirmontartproduction,  
Paris



*Shirin Neshat*  
**Muhammed**, from *The Book of Kings* series, 2012  
Ink on LE silver gelatin print, 40 x 30 in.  
© Shirin Neshat,  
Courtesy of the artist,  
Gladstone Gallery, &  
Noirmontartproduction,  
Paris

*Shirin Neshat*  
**Muhammed**, da série  
*The Book of Kings*, 2012  
Tinta sobre estampa  
em gelatina de prata,  
101,6 x 76,2 cm  
© Shirin Neshat,  
Cortesia da artista,  
Gladstone Gallery, &  
Noirmontartproduction,  
Paris



## ALIZA NISENBAUM | born 1977

“[P]ainting operates on the symbolic register of representation. But then it’s interesting how simply the act of painting can sometimes make new relationships possible or bring people together that might not have otherwise. How it can actually create new social situations or at least reimagin[e] how these might be. What I’m most engaged with is the process of my work; meeting new people, seeing if we can be open to each other, losing control then regaining control, and making an image somehow from the different situations I’m placed in.”

In her richly hued, intricately patterned canvases, Aliza Nisenbaum sensitively portrays the interior lives of historically underrepresented subjects, including mass transit workers, museum security staff, health care providers, and undocumented immigrants. For the artist, painting portraits from observation is a collaborative process, one that sets up an ethical encounter based on mutual trust. Painted after a long separation due to the COVID-19 pandemic, *Samuel (Papá) en el jardín* depicts the artist’s father surrounded by bougainvillea and hydrangea bushes in the family’s Mexico City home garden.

## ALIZA NISENBAUM | nasceu 1977

“A pintura funciona sobre o registo simbólico da representação. Mas depois é interessante como o simples ato de pintar pode por vezes tornar possíveis novas relações ou aproximar pessoas que de outra forma não o teriam feito. Como pode realmente criar novas situações sociais ou pelo menos re-imaginar [e] como estas podem ser. O que mais me envolve é o processo do meu trabalho; conhecer novas pessoas, ver se podemos estar abertos um ao outro, perder o controlo e depois recuperar o controlo e, de alguma forma, fazer uma imagem a partir das diferentes situações em que sou colocado.”

Nas suas telas ricamente coloridas e de padrões intrincados, Aliza Nisenbaum retrata sensivelmente a vida interior de sujeitos historicamente sub-representados, incluindo trabalhadores de trânsito em massa, pessoal de segurança de museus, prestadores de cuidados de saúde e imigrantes indocumentados. Para a artista, pintar retratos a partir da observação é um processo colaborativo, que estabelece um encontro ético baseado na confiança mútua. Pintado após uma longa separação devido à pandemia da COVID-19, *Samuel (Pai) no jardim* retrata o pai da artista rodeado de buganvílias e arbustos de hortênsias no jardim da casa da família na Cidade do México.



Aliza Nisenbaum | **Samuel (Papá) en el jardín**, 2021. Oil on canvas, 64 x 57 in  
Collection of Miyoung Lee and Neil Simpkins

Aliza Nisenbaum | **Samuel (Pai) no jardim**, 2021. Tela a óleo, 162,6 x 144,8 cm  
Coleção de Miyoung Lee e Neil Simpkins

## CATHERINE OPIE | born 1961

“I like the idea of that kind of democracy that a stuffed animal can be as poignant and valuable as the Krupp diamond that Richard Burton gave to [Elizabeth Taylor]. All objects have [a] special meaning for people that might not be about a monetary value, and I really thought about that within the body of work... It is this information that makes a complete portrait rather than just photographing the person.”

Renowned for her striking, large-scale photographs, Catherine Opie investigates concepts of civic identity, domesticity, and the American social landscape, documenting diverse subject matter such as the LGBTQ+ community, strip malls, surfers, and the highways of Los Angeles. Shot during a six-month period at the residence of the actress Elizabeth Taylor, the images from the *700 Nimes Road* series create a portrait exclusively from personal space and mementos, resulting in an indirect, yet deeply intimate, portrait of a life defined by wealth and fame.

## CATHERINE OPIE | nasceu 1961

“Gosto da ideia desse tipo de democracia que um animal de peluche pode ser tão pungente e valioso como o diamante Krupp que Richard Burton deu a [Elizabeth Taylor]. Todos os objetos têm [um] significado especial para as pessoas, que podem não ter um valor monetário, e realmente pensei nisso dentro do corpo de trabalho... É esta informação que faz um retrato completo em vez de apenas fotografar a pessoa”.

Famosa pelas suas impressionantes fotografias em grande escala, Catherine Opie investiga conceitos de identidade cívica, domesticidade, e a paisagem social americana, documentando diversos temas como a comunidade LGBTQ+, centros comerciais de rua, surfistas, e as autoestradas de Los Angeles. Fotografadas durante um período de seis meses na residência da atriz Elizabeth Taylor, as imagens da série *700 Nimes Road* criam um retrato exclusivo do espaço pessoal e lembranças resultando num retrato indireto, mas profundamente íntimo, de uma vida definida pela riqueza e fama.



Catherine Opie | **Untitled 1**, from *700 Nimes Road* series, 2012. Pigment print, 40 x 30 in.  
Courtesy of a private collection; Long term loan to Art in Embassies

Catherine Opie | **Sem título 1**, da série *Rua Nimes 700*, 2012. Impresso em pigmento, 101,6 x 76,2 cm  
Cortesia de uma coleção privada; Empréstimo de longo prazo, no âmbito





Catherine Opie | **Untitled 4**, from *700 Nimes Road* series, 2012. Pigment print, 40 x 30 in.  
Courtesy of a private collection; Long term loan to Art in Embassies

Catherine Opie | **Sem título 4**, da série *Rua Nimes 700*, 2012. Impresso em pigmento, 101,6 x 76,2 cm  
Cortesia de uma coleção privada; Empréstimo de longo prazo, no âmbito



Catherine Opie | **Untitled 8**, from *700 Nimes Road* series, 2012. Pigment print, 40 x 30 in.  
Courtesy of a private collection; Long term loan to Art in Embassies

Catherine Opie | **Sem título 8**, da série *Rua Nimes 700*, 2012. Impresso em pigmento, 101,6 x 76,2 cm  
Cortesia de uma coleção privada; Empréstimo de longo prazo, no âmbito

## **JULIÃO SARMENTO** | 1948–2021

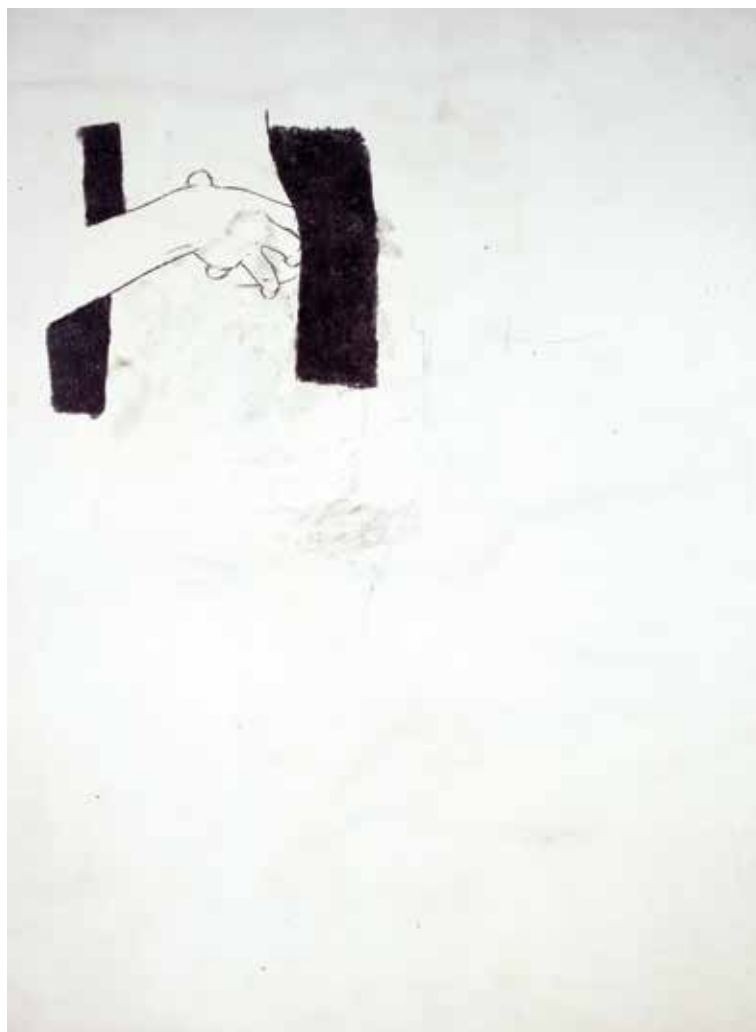
"The subject is what is not there... I am interested in open rather than closed images... I think of the negative space, the space outside the frame, as being the active space, a dynamic space of possibility. After all, to be human is to desire, to constantly imagine, or create what we cannot see or experience."

Julião Sarmiento was born in Lisbon and lived and worked in Estoril, Portugal. He studied painting and architecture at the Lisbon School of Fine Arts and throughout his five-decade career worked in a wide range of media: painting, drawing, sculpture, photography, film, video, performance, sound, and installation. He developed several significant site-specific projects and had numerous solo and group exhibitions throughout the world.

## **JULIÃO SARMENTO** | 1948–2021

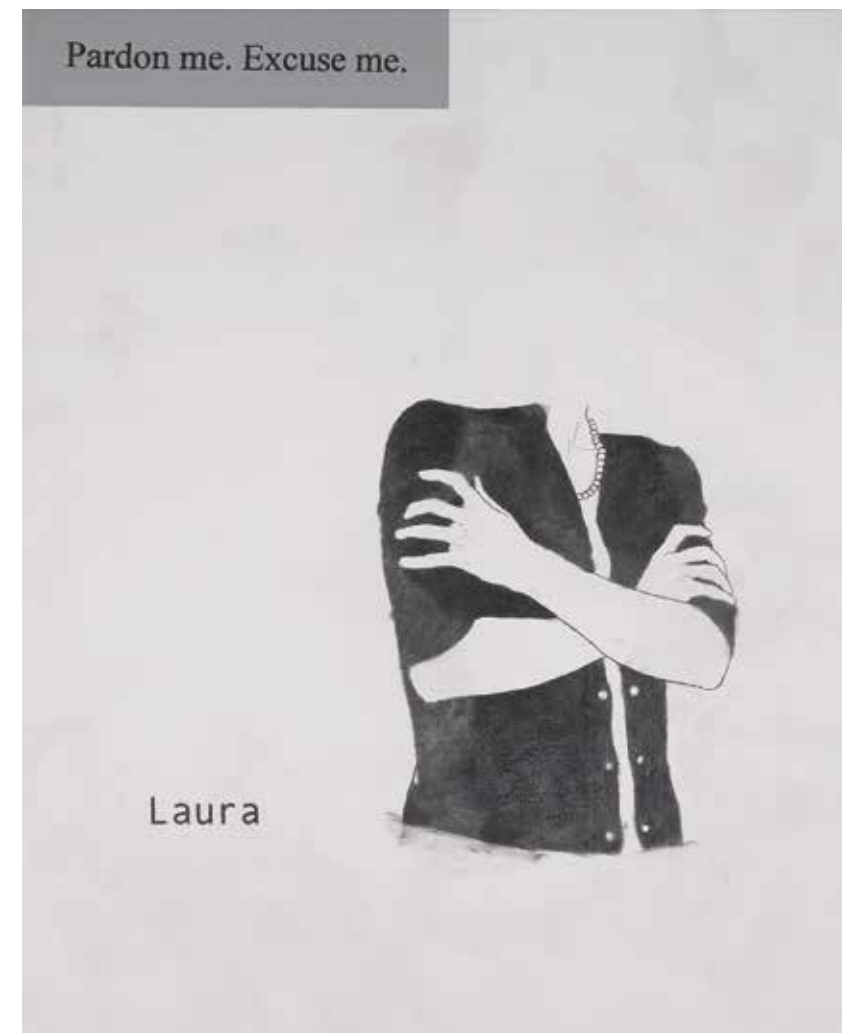
"O assunto é o que não está lá... Estou interessado em imagens abertas em vez de fechadas... Penso no espaço negativo, o espaço fora do enquadramento, como sendo o espaço ativo, um espaço dinâmico de possibilidade. Afinal, ser humano é desejar, imaginar constantemente, ou criar aquilo que não podemos ver ou experimentar".

Julião Sarmiento nasceu em Lisboa e viveu e trabalhou no Estoril, Portugal. Estudou pintura e arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa e ao longo da sua carreira de cinco décadas trabalhou com variadas técnicas: pintura, desenho, escultura, fotografia, filme, vídeo, performance, som e instalação. Desenvolveu vários projetos significativos em sítios específicos e teve numerosas exposições individuais e coletivas em todo o mundo.



*Julião Sarmiento* | **Carpe Diem (19)**, 1998. Polyvinyl acetate, pigment, and graphite on raw cotton canvas, 41  $\frac{5}{16}$  x 30  $\frac{1}{16}$  in. Julião Sarmiento Estate

*Julião Sarmiento* | **Carpe Diem (19)**, 1998. Acetato de polivinil, pigmento e grafite sobre tela de algodão cru 105 x 78 cm. Património de Julião Sarmiento



*Julião Sarmiento* | **Gene**, 2006. Polyvinyl acetate, pigment, graphite, and silkscreen print on raw cotton canvas 43  $\frac{5}{16}$  x 35  $\frac{7}{16}$  x 1  $\frac{1}{16}$  in. Julião Sarmiento Estate

*Julião Sarmiento* | **Gene**, 2006. Acetato de polivinil, pigmento e grafite sobre tela de algodão cru 110 x 90 x 4 cm. Património de Julião Sarmiento

## AMY SHERALD | born 1973

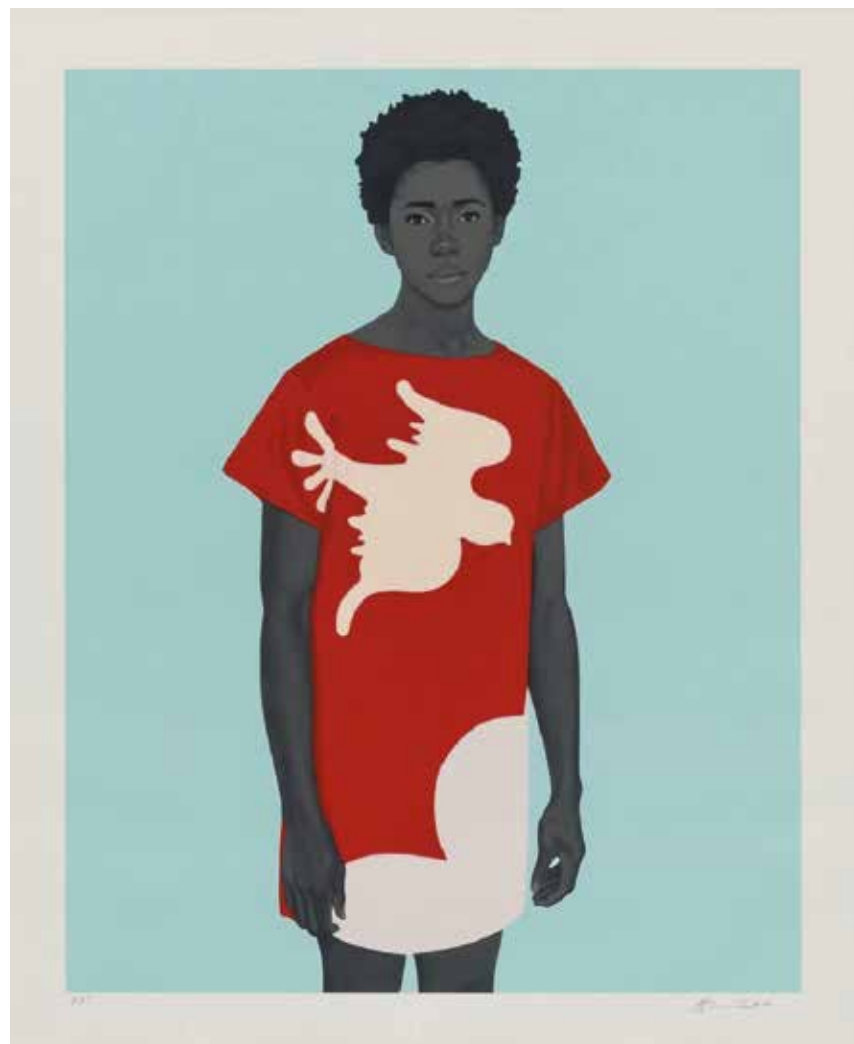
“I want people to be able to imagine life outside of the circumscribed stereotype, or identity that can be controlled by many circumstances such as your environment, your parents, your friends, your skin color, your class, etc. Imagination allows you to bend the rules of the temporal world. I just want them to see that a more beautiful world exists beyond the confines of your environment.”

Born in Columbus, Georgia, and now based in the New York City area, Amy Sherald documents contemporary African American experience in the United States through arresting, intimate portraits. Sherald engages with the history of photography and portraiture, inviting viewers to participate in a more complex debate about accepted notions of race and representation, and to situate Black heritage centrally in American art. The artist discovered the young subject of *Hope is the thing with feathers (The little bird)*—a dancer—while attending a performance of the Alvin Ailey American Dance Theater, an organization that celebrates the uniqueness of the African American cultural experience and the preservation and enrichment of the American modern dance heritage.

## AMY SHERALD | nasceu 1973

“Quero que as pessoas possam imaginar a vida fora do estereótipo circunscrito, ou identidade que possa ser controlada por muitas circunstâncias tais como o seu ambiente, os seus pais, os seus amigos, a sua cor de pele, a sua classe, etc. A imaginação permite-lhes dobrar as regras do mundo temporal. Só quero que vejam que existe um mundo mais belo para além dos limites do vosso ambiente”.

Nascida em Columbus, Geórgia, e agora baseada na área de Nova Iorque, Amy Sherald documenta a experiência afro-americana contemporânea nos Estados Unidos através de retratos íntimos e impressionantes. Sherald envolve-se com a história da fotografia e do retrato, convidando os espectadores a participar num debate mais complexo sobre noções aceites de raça e representação, e a situar a herança negra centralmente na arte americana. O artista descobriu que o jovem tema da *Esperança é a coisa com penas (The little bird)* – um dançarino – enquanto assiste a uma performance do Teatro de Dança Americana Alvin Ailey, uma organização que celebra a singularidade da experiência cultural afro-americana e a preservação e enriquecimento da herança da dança moderna americana.



Amy Sherald | **Hope is the thing with feathers (The little bird)**, 2021. Color screenprint on Coventry Rag 335 gsm, 48 ¾ x 40 ½ in. © Amy Sherald. Courtesy of the artist and Hauser & Wirth

Amy Sherald | **Esperança é a coisa com penas (The little bird)**, 2021. Serigrafia a cores sobre papel "Coventry Rag" 335 gsm, 123,8 x 102,9 cm. © Amy Sherald. Cortesia da artista e de Hauser & Wirth

## XAVIERA SIMMONS | born 1974

"I wanted to think about building sculptures and building narrative landscapes in sculptures—specifically sculptures that only exist in the photographic realm... I love to collect images, so I wanted a space to work out some of my reactions to that collection of magazines and to the idea of collecting in general. Ideas surrounding collecting, artifact, sculpture-as-photograph, and ways to produce a landscape in modern language," Xaviera Simmons said of her *Index* series.

Simmons's interdisciplinary practice is rooted in shifting definitions of landscape, political and social histories, and, in particular, the interconnectedness of formal processes. In her *Index* series, she photographed subjects with brightly colored textiles pulled over their torsos, revealing the large collections of objects and materials that hang from their lower bodies, including jugs, postcards, braids, and palm fronds. The viewer is invited to consider the work's varied textures, narrative possibilities, and cultural allusions.



## XAVIERA SIMMONS | nasceu 1974

“Queria pensar em construir esculturas e construir paisagens narrativas em esculturas - especificamente esculturas que só existem no domínio fotográfico... Adoro colecionar imagens, por isso queria um espaço para trabalhar algumas das minhas reações a essa coleção de revistas e à ideia de colecionar em geral. Ideias em torno da recolha, artefacto, escultura como fotografia, e formas de produzir uma paisagem em linguagem moderna”, disse Xaviera Simmons sobre a sua série *Index*.

A prática interdisciplinar de Simmons está enraizada na mudança das definições de paisagem, histórias políticas e sociais, e, em particular, na interligação de processos formais. Na sua série *Index*, ela fotografou sujeitos com têxteis coloridos que se sobrepunham aos seus torsos, revelando as grandes coleções de objetos e materiais pendurados nos seus corpos inferiores, incluindo jarros, postais, tranças e folhas de palmeira. O espectador é convidado a considerar as texturas variadas da obra, as possibilidades narrativas e as alusões culturais.



Xaviera Simmons | **Index Two, Composition Three**, 2012

Chromogenic color print, 50 x 40 in. Courtesy the artist and David Castillo, Miami, Florida

Xaviera Simmons | **Index Dois, Composição Três**, 2012

Impressão a cores cromogénica, 127 x 101,6 cm. Cortesia da artista e David Castillo, Miami, Florida

## **LORNA SIMPSON** | born 1960

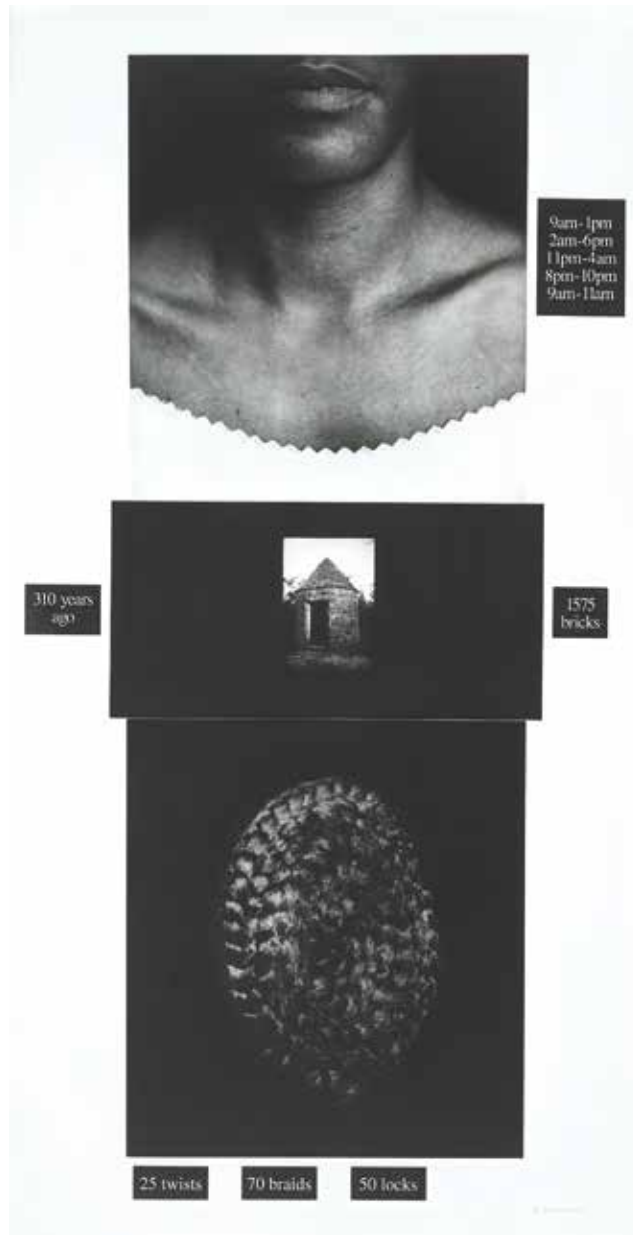
"I think my work is a conversation between me and me. I look in the mirror, I get up every morning, and I don't go, 'Oh my god, there's a Black woman in the mirror in front of me!' I take for granted and strongly have a sense of ownership of my own experience. And in the ownership of that experience, I have the expectation that my audience has to come with me, and that there is a universalism that I assume in what I'm doing. So while the work pictures black bodies... there has to be this kind of universal acknowledgment that America means many different things to many different peoples from many different places."

Lorna Simpson gained renown in the mid-1980s for her photograph-and-text works that confront and challenge conventional views of gender, identity, history, and memory. With unidentified figures as a visual point of departure, Simpson uses the figure to examine how gender and culture shape the interactions, relationships, and experiences of our lives in contemporary America. Her practice has since expanded to include multi-panel photographs printed on felt, large-scale video installations, and painting.

## **LORNA SIMPSON** | nasceu 1960

"Penso que o meu trabalho é uma conversa entre mim e eu. Olho-me ao espelho, levanto-me todas as manhãs, e não digo: 'Oh meu Deus, está uma mulher Negra ao espelho à minha frente!' Tomo por garantido e tenho um forte sentido de propriedade da minha própria experiência. E na posse dessa experiência, tenho a expectativa de que o meu público tem de vir comigo, e que existe um universalismo que assumo no que estou a fazer. Assim, enquanto o trabalho retrata corpos negros... tem de haver este tipo de reconhecimento universal de que a América significa muitas coisas diferentes para muitos povos diferentes de muitos lugares diferentes".

Lorna Simpson ganhou renome em meados da década de 80 pelos seus trabalhos de fotografia e texto que confrontam e desafiam visões convencionais de género, identidade, história e memória. Com figuras não identificadas como ponto de partida visual, Simpson usa a figura para examinar como o género e a cultura moldam as interações, relações, e experiências das nossas vidas na América contemporânea. Desde então, a sua prática expandiu para incluir fotografias de vários painéis impressas em feltro, instalações de vídeo em larga escala, e pintura.



Lorna Simpson | **Counting**, 1991  
 Photogravure with silkscreen  
 on paper, 76 x 40 in.  
 Courtesy of the New Museum,  
 New York

Lorna Simpson | **Counting**, 1991  
 Fotogravura com serigrafia  
 sobre papel, 193 x 101,6 cm  
 Cortesia do New Museum,  
 Nova Iorque

## VAUGHN SPANN | born 1992

“My practice is a bit conceptual, and it oscillates between figuration and abstraction, because I'm interested in these stylistic separations and distinct breaks. As artists, we're human. We have complicated ideas about everything. And I feel it would be a disservice to limit those ideas to one framework.”

Vaughn Spann's diverse practice defies easy categorization, encompassing brightly colored, surreal portraits and mixed-media abstractions that allude to personal and social narratives. *Untitled* belongs to Spann's *Dalmatian* series, a group of canvases inspired by the artist's childhood observation that the stylish Dalmatians he saw on television with White families did not resemble the guard dogs in his predominantly African American neighborhood. He thus provides a meditation on how socioeconomic signifiers are often divided along racial lines.

## VAUGHN SPANN | nasceu 1992

“A minha prática é um pouco conceptual, e oscila entre figuração e abstração, porque estou interessado nestas separações estilísticas e ruturas distintas. Como artistas, somos humanos. Temos ideias complicadas sobre tudo. E sinto que seria um mau serviço limitar essas ideias a um único quadro”.

A prática diversificada de Vaughn Spann desafia a categorização fácil, abrangendo retratos coloridos e surreais, e abstrações com técnicas mistas que fazem alusão a narrativas pessoais e sociais. *Sem título* pertence à série *Dalmatian* de Spann, um grupo de telas inspiradas na observação infantil do artista dos estilosos dálmatas que viu na televisão com famílias Brancas e que não se assemelhavam aos cães de guarda no seu bairro predominantemente afro-americano. Assim, medita sobre como os significantes socioeconómicos são frequentemente divididos segundo linhas raciais.



Vaughn Spann | **Untitled**, 2022. Polymer paint, mixed media, cardboard, wood on wood panel, 40 x 40 in. Courtesy of the artist and David Castillo, Miami, Florida

Vaughn Spann | **Sem título**, 2022. Tinta polimérica, técnica mista, cartão, madeira sobre painel de madeira, 101,6 x 101,6 cm Cortesia do artista e de David Castillo, Miami, Florida

## **HANK WILLIS THOMAS** | born 1976

"[*A Place to Call Home* is] related to ideas about being a hyphenated American, an African American in a visible sense. There's this mythical connection to Africa that is embedded in your identity, but many people go to Africa looking for home and don't find it because our roots are so diluted there. They also never felt at home in the U.S., where they were born. I wanted to make a place where African Americans come from...The lines between nations are imaginary, just like the lines between races."

Hank Willis Thomas is a conceptual artist working primarily with themes related to perspective, identity, commodity, media, and popular culture. His work often incorporates widely recognizable icons—many from well-known advertising or branding campaigns—to explore their ability to reinforce generalizations developed around race, gender, and ethnicity.

## **HANK WILLIS THOMAS** | nasceu 1976

"[*A Place to Call Home* - Um Lugar que chamo de Lar] está relacionado com ideias sobre ser um americano "hifenizado", um afro-americano num sentido visível. Há esta ligação mítica a África que está embutida na nossa identidade, mas muitas pessoas vão a África à procura de um lar e não o encontram porque as nossas raízes estão lá tão diluídas. Também nunca se sentiram em casa nos E.U.A., onde nasceram. Eu queria fazer um lugar de onde os afro-americanos provêm... As linhas entre nações são imaginárias, tal como as linhas entre raças".

Hank Willis Thomas é um artista conceptual que trabalha principalmente com temas relacionados com perspetiva, identidade, mercadoria, meios de comunicação e cultura popular. O seu trabalho incorpora frequentemente ícones amplamente reconhecidos - muitos provenientes de campanhas publicitárias bem conhecidas ou de branding - para explorar a sua capacidade de reforçar generalizações desenvolvidas em torno da raça, género e etnia.





*Hank Willis Thomas | Ain't I A Woman, 2009*

Liquitex on Canvas, 25 3/8 x 19 3/8 in. Courtesy of the artist and Jack Shainman Gallery, New York

*Hank Willis Thomas | Não Sou Eu Uma Mulher, 2009*

Pintura acrílica sobre tela, 64,5 x 49,2 cm. Cortesia do artista e de Jack Shainman Gallery, Nova Iorque



*Hank Willis Thomas | A Place to Call Home (Africa America), 2009*

1/4" polished aluminum with powdered coat, 80 x 66 in. Courtesy of the artist and Jack Shainman Gallery, New York

*Hank Willis Thomas | Um Lugar que Chamo de Lar (Africa-America), 2009*

1/4" alumínio polido revestida a polímero, 203,2 x 167,6 cm. Cortesia do artista e de Jack Shainman Gallery, Nova Iorque

## JOANA VASCONCELOS | born 1971

“My art conveys the themes close to my heart, but they are also universal themes, which bridge the private and public sphere and most people can relate to... I believe art should entice people to reflect upon the world around them, question reality and look at the world from a different perspective. But the main purpose is to bring people joy.”

For the past thirty years, multimedia artist Joana Vasconcelos has drawn inspiration from everyday life, pop references, Portuguese traditions, and the opulence of the Baroque. Her immersive, site-specific sculptures and customized installations work in dialogue with the surrounding architecture, inviting the viewer’s interaction. *Ostfriesland*, one of several monumental teapots Vasconcelos has created, pays homage both to Portugal’s wrought iron structures and Catherine of Braganza, the seventeenth century Portuguese-born Queen of England, who is credited with the popularization of drinking tea in Britain.

## JOANA VASCONCELOS | nasceu 1971

“A minha arte transmite os temas que me são caros, mas são também temas universais, que fazem a ponte entre a esfera privada e pública e com os quais a maioria das pessoas se pode relacionar... Acredito que a arte deve atrair as pessoas a refletir sobre o mundo à sua volta, questionar a realidade e olhar para o mundo a partir de uma perspetiva diferente. Mas o principal objetivo é trazer alegria às pessoas”.

Durante os últimos trinta anos, a artista multimédia Joana Vasconcelos inspirou-se na vida quotidiana, nas referências pop, nas tradições portuguesas, e na opulência do Barroco. As suas esculturas imersivas, específicas do local e instalações personalizadas trabalham em diálogo com a arquitetura envolvente, convidando à interação do espectador. *Ostfriesland*, um dos vários bules monumentais que Vasconcelos criou, presta homenagem tanto às estruturas de ferro forjado de Portugal como a Catarina de Bragança, a Rainha de Inglaterra nascida em Portugal no século XVII, a quem é creditada a popularização de beber chá na Grã-Bretanha.



Joana Vasconcelos | **Ostfriesland**, 2017. Wrought iron, jasmine plants, 88 3/16 x 129 15/16 x 90 7/16 in.  
Collection of the artist. Photo © Galerie Scheffel and Rudi Feuser

Joana Vasconcelos | **Ostfriesland**, 2017. Ferro forjado, plantas de jasmim, 224 x 330 x 230 cm  
Coleção da artista. Foto © Galerie Scheffel e Rudi Feuser

## **KARA WALKER** | born 1969

“This is a piece about oceans and seas traversed fatally. [It] is an allegory of the Black Atlantic and really all global waters which disastrously connect Africa to America, Europe, and economic prosperity... I’m not an actual historian; I’m an unreliable narrator. I let characters or caricatures emerge. Sometimes they are culled straight from pop culture, looking at the types of depictions of blackness or of slavery as they have emerged... It’s this kernel of experience that can never quite be told, in art and I’m always fascinated by these paradoxes and problems.”

Kara Walker is best known for her candid investigation of race, gender, sexuality, and violence through silhouetted figures. This limited-edition bronze statue is a small-scale reproduction of *Fons Americanus*, Walker’s monumental 2019 installation at the Tate Modern in London. Directly alluding to the Victoria Memorial at Buckingham Palace, Walker’s sculpture stood as a “counter-memorial” to the mythologized glory of European imperialist projects.

## **KARA WALKER** | nasceu 1969

“Esta é uma peça sobre oceanos e mares fatalmente atravessados. [É] uma alegoria do Atlântico Negro e realmente de todas as águas globais que desastrosamente ligam a África à América, Europa e prosperidade económica... Não sou uma historiadora real; sou um narrador pouco fiável. Deixo surgir personagens ou caricaturas. Por vezes, são recolhidas diretamente da cultura pop, olhando para os tipos de representações da negritude ou da escravatura tal como emergiram... É este núcleo de experiência que nunca pode ser dito na arte e fico sempre fascinada por estes paradoxos e problemas”.

Kara Walker é mais conhecida pela sua investigação franca da raça, género, sexualidade e violência através de figuras de silhueta. Esta estátua de bronze de edição limitada é uma reprodução em pequena escala de *Fons Americanus*, a monumental instalação de Walker em 2019 no Tate Modern em Londres. Aludindo diretamente ao Victoria Memorial no Palácio de Buckingham, a escultura de Walker ergueu-se como um "contra-memorial" à glória tornada mítica dos projetos imperialistas europeus.



*Kara Walker* | **Fons Americanus**, 2019

Bronze, 20 x 16 x 16 in. Courtesy of the artist and Sikkema Jenkins & Co., New York

*Kara Walker* | **Fons Americanus**, 2019

Bronze, 50,8 x 40,6 x 40,6 cm. Cortesia da artista e de Sikkema Jenkins & Co., Nova Iorque

## **NARI WARD** | born 1963

"I came out of a drawing background... but being haunted by the history of the medium kind of made me want to say: how do I think about this moment? I think that's when using found objects made most sense as it was so much about being in the present moment with the viewer. And also, it was a challenge to retell the narrative of the object in a way that a line wouldn't be able to convey."

Multimedia artist Nari Ward is known for his sculptural installations composed of discarded material found and collected throughout his neighborhood. Ward re-contextualizes these found objects in thought-provoking juxtapositions that create complex, metaphorical meanings to confront social and political realities surrounding race, migration, democracy, and community, intentionally leaving the meaning of his work open to allow his viewers to provide their interpretations.

## **NARI WARD** | nasceu 1963

"O meu historial é o desenho... mas ser assombrado pela história do meio fez-me querer dizer: o é que penso sobre este momento? Penso que é quando a utilização de objetos encontrados fazia mais sentido, já que se tratava de estar no momento presente com o espectador. E também foi um desafio recontar a narrativa do objeto de uma forma que uma linha não seria capaz de transmitir".

O artista multimédia Nari Ward é conhecido pelas suas instalações escultóricas compostas por material descartado encontrado e recolhido em volta da sua vizinhança. Ward re-contextualiza estes objetos encontrados em justaposições provocadoras de pensamento que criam significados complexos e metafóricos para confrontar realidades sociais e políticas em torno da raça, migração, democracia e comunidade, deixando intencionalmente em aberto o significado do seu trabalho para permitir aos seus espectadores terem as suas interpretações.





Nari Ward | **Mirror Shield**, 2020. Found mirror, wood, copper sheet, copper nails, darkening patina, 60 x 48 x 6 in. Courtesy of the artist and Lehmann Maupin, New York, Hong Kong, Seoul, and London

Nari Ward | **Escudo Espelho**, 2020. Espelho encontrado, madeira, folha de cobre, pregos de cobre, patina escurecida, 152,4 x 121,9 x 15,2 cm. Cortesia do artista e de Lehmann Maupin, Nova Iorque, Hong Kong, Seul e Londres

## KEHINDE WILEY | born 1977

"I love the history of art... It was only later that I understood that a lot of destruction and domination had to occur in order for all of this grand reality to exist. So, what happens next? What happens is [that] the artist grows up and tries to fashion a world that's imperfect. Tries to say yes to the parts that he loves, and to say yes to the parts that he wants to see in the world, such as black and brown bodies—like my own—in the same vocabulary as that tradition that I had learned so many years before.

It's an uncomfortable fit, but I don't think that it's something that I'm shying away from at all. In fact, I think what we're arriving at is the meat of my project, which is that discomfort is where the work shines best. These inconvenient bedfellows...are my life's work."

Kehinde Wiley is a painter best known for his visually sumptuous, sensitive depictions of contemporary Black and Brown people. Using the pictorial language of classical portraiture, Wiley reframes a genre historically reserved for elite, White subjects, thereby subverting traditional views of power and reimagining long-held conventions. In *Entry into Paris of the Dauphin*, Wiley portrays the young African American subject dressed in his own clothing while confidently donning the Main de Justice (Hand of Justice) over his shoulder. A royal accessory, this scepter was held by French kings and Napoleon in their official portraits as a signifier of legitimacy and authority.

## KEHINDE WILEY | nasceu 1977

"Adoro a história da arte... Só mais tarde compreendi que muita destruição e dominação tinha de ocorrer para que toda esta grande realidade pudesse existir. Então, o que acontece a seguir? O que acontece é [que] o artista cresce e tenta moldar um mundo imperfeito. Tenta dizer sim às partes que ama, e dizer sim às partes que quer ver no mundo, tais como corpos negros e castanhos - como o meu - no mesmo vocabulário daquela tradição que aprendi tantos anos antes.

É um ajuste desconfortável, mas não creio que seja algo de que me esteja a afastar de forma alguma. Na verdade, penso que aquilo a que estamos a chegar é a carne do meu projeto, que é aquele desconforto em que o trabalho brilha melhor. Estes companheiros de cama inconvenientes...são o trabalho da minha vida".

Kehinde Wiley é um pintor mais reconhecido pelas suas representações visualmente sumptuosas e sensíveis do povo Negro e Castanho contemporâneo. Usando a linguagem pictórica do retrato clássico, Wiley remonta um género historicamente reservado à elite, súbditos Brancos, subvertendo assim visões tradicionais do poder e re-imaginando convenções de longa data. *Em Entrada em Paris do Delfim*, Wiley retrata o jovem sujeito afro-americano vestido com as suas próprias roupas, ao mesmo tempo que lhe coloca com confiança o *Main de Justice* (Mão da Justiça) sobre o ombro. Acessório real, este cetro foi mantido por reis franceses e Napoleão nos seus retratos oficiais como significado de legitimidade e autoridade.



*Kehinde Wiley* | **Entry into Paris of the Dauphin**, 2005. Oil and gold enamel on canvas, 72 x 60 in.  
Courtesy of the artist and Roberts Projects, Los Angeles

*Kehinde Wiley* | **Entrada em Paris do Delfim**, 2005. Esmalte a óleo e ouro sobre tela, 182,9 x 152,4 cm  
Cortesia do artista e de Roberts Projects, Los Angeles

## **ACKNOWLEDGMENTS**

Washington, D.C.

Welmoed Laanstra, Curator  
Carolyn Yates, Curatorial Assistant  
Danielle Giampietro, Registrar  
Tabitha Brackens, Editor  
Megan Pannone, Editor  
Tori See, Editor  
Amanda Brooks, Imaging Manager

New York, NY

Ana Sokoloff, Sokoloff Art, Curator

Lisbon, Portugal

Sujoya Roy, Deputy Public Affairs Officer  
Jennifer Johnson, General Services Officer  
Rebecca Beatty, Facility Manager  
Diana Ezra, Public Diplomacy Section – Translations

Vienna, Austria

Nathalie Mayer, Graphic Designer

Manila, Philippines

Global Publishing Solutions, Printing

## **AGRADECIMENTOS**

Washington DC.

Welmoed Laanstra, Curadora  
Carolyn Yates, Assistente de Curadoria  
Danielle Giampietro, Arquivista  
Tabitha Brackens, Editora  
Megan Pannone, Editora  
Tori See, Editora  
Amanda Brooks, Gerenciador de Imagens

Nova York, NY

Ana Sokoloff, Sokoloff Art, Curadora

Lisboa, Portugal

Sujoya Roy, Conselheira Adjunta de Relações Públicas  
Jennifer Johnson, Conselheira de Serviços Gerais  
Rebecca Beatty, Conselheira de Instalações  
Diana Ezra, Secção de Diplomacia Pública – Traduções

Viena, Áustria

Nathalie Mayer, Graphic Desenhista

Manila, Filipinas

Global Publishing Solutions, Impressão

*Helena Almeida | Desenho : Drawing, 1999*

Black and white photograph, 27 3/4 x 41 1/8 in. Courtesy of Galeria Filomena Soares, Lisbon, Portugal

*Helena Almeida | Desenho : Drawing, 1999*

Fotografia a preto e branco, 70,5 x 104,5 cm. Cortesia da Galeria Filomena Soares, Lisboa, Portugal



## **Art in Embassies**

U.S. DEPARTMENT *of* STATE

Published by Art in Embassies | U.S. Department of State, Washington, D.C. | June 2023

<https://art.state.gov/>